trust.

n.º 3 | Série V
Jan · Jun 2023

INDÚSTRIA · TECNOLOGIA · INOVAÇÃO

ESG
O NOVO PROPÓSITO DAS EMPRESAS

COMO AS ÁREAS DE *ENVIRONMENTAL*, *SOCIAL* E *CORPORATE GOVERNANCE* ESTÃO A MOLDAR O MUNDO DOS NEGÓCIOS

OPINIÃO

Os desafios sem precedentes do setor energético, analisados por Pedro Ávila, da REN

ENTREVISTA

Rodrigo Tavares, da Nova SBE foca a relação entre a sustentabilidade e o desempenho financeiro

SEMESTRAL | 5.00€ (IVA incluído) | WWW.isqgroup.com

#2023 | O ANO EUROPEU DAS COMPETÊNCIAS

CONTE CONNOSCO

ACADEMY.ISQ.PT

A ROTA IMPARÁVEL DO ESG

Percorrendo um caminho longo, as áreas de *environmental*, *social* e *corporate governance* (ESG) foram ganhando relevância e, hoje, são encaradas como um propósito das empresas. Todos os gestores e decisores que não compreendam isso estão a colocar seriamente os seus ativos e investimentos em risco. Ciente disso, o ISQ afigura-se como um forte aliado de qualquer *stakeholder* que queira aprofundar o seu caminho nesta rota. pág. 14

ENTREVISTA

"A sustentabilidade está fundamentada economicamente"

Rodrigo Tavares

PROFESSOR CATEDRÁTICO CONVIDADO NA NOVA SBE

"Tem de haver objetividade para que os líderes corporativos integrem as práticas de sustentabilidade e notem a correlação com o desempenho financeiro das suas empresas", afirma Rodrigo Tavares. É um caminho no qual Portugal revela ainda algum atraso. **pág. 10**

SOCIEDADE DO FUTURO

Novos pilares da sustentabilidade e critérios de ESG

Para melhorar o bem-estar dos cidadãos, assegurar a neutralidade climática e proteger a biodiversidade, novos paradigmas estão a ser criados, abarcando conceitos como "desenvolvimento sustentável", *"Due Diligence ambiental"*, "ESG", "economia circular", "finanças sustentáveis" ou *"smart cities"*. **pág. 22**

FRAMEWORKS & STANDARDS

Oportunidades e desafios na avaliação de ESG das empresas

A enorme diversidade e a quantidade de métricas e *ratings* que podem ser usados nas avaliações de âmbito ambiental, social e de governança fazem deste um processo complexo. Daí a importância do apoio que pode ser dado por entidades como o ISQ. **pág. 42**

AGENDA
O que marca a atualidade no ISQ 6

AMBIENTE
ECONOMIA CIRCULAR E SIMBIOSE INDUSTRIAL
Novos modelos de negócio 24
WASTEVALUE
Gerir os resíduos e criar valor 25
QFA
Apoio ao controlo de qualidade 26
INVESTIMENTO
As empresas portuguesas no ESG 27
ESTRATÉGIA
Comunicar com propósito 28
SUSTENTABILIDADE DAS CIDADES
Ação local na transformação global 30
EDIFÍCIOS SUSTENTÁVEIS
Certificação no edificado 32
MAPEAMENTO DE ESTRUTURAS E EDIFÍCIOS
Importância do levantamento 3D 33

GOVERNANCE
GREEN BONDS
Fatores ESG no mercado de dívida 34
AUDITORIA
Critérios ESG em prol dos negócios 36
QFA
Contaminação de solos e águas 37
TECHNICAL DUE DILIGENCE
Vida útil das infraestruturas 38

I&D
INOVAÇÃO
Sustentabilidade no I&Di 40

SOCIAL
SAÚDE OCUPACIONAL
Investir na promoção da saúde 46
UPSKILLING E RESKILLING
Desenvolver talento digital e verde 47
ISQ ACADEMY
Well-being organizacional 48

CRONOLOGIA
Rumo à sustentabilidade 20

OPINIÃO
Pedro Ávila 29
ZERO EMISSÕES LÍQUIDAS ATÉ 2040
Duarte Pitta Ferraz 44
O ESG NA CORPORATE GOVERNANCE

À CONVERSA COM
Rui Dias 50
SUSTAINABILITY RESEARCHER & CONSULTANT

CÓDIGO QR

COMO FUNCIONA?

O código QR dá-lhe acesso aos conteúdos do nosso *website*. Experimente aceder: só precisa de um *smartphone*.

1. DESCARREGUE UMA APLICAÇÃO GRATUITA DO LEITOR DE QR *CODE* A PARTIR DO SEU DISPOSITIVO MÓVEL.
2. FAÇA *SCAN* DO CÓDIGO QR CENTRANDO-O NO ECRÃ DO DISPOSITIVO MÓVEL.
3. VEJA OS CONTEÚDOS DO NOSSO *WEBSITE*.

FICHA TÉCNICA

» PROPRIEDADE, DIREÇÃO E EDIÇÃO ISQ
» MORADA Av. Prof. Dr. Cavaco Silva, 33 · Taguspark - Oeiras · 2740-120 Porto Salvo
» NIPC 500 140 022
» COORDENAÇÃO **Gabinete de Comunicação e Imagem do ISQ**
» CONTACTOS **Telefone:** (+351) 214 228 100 · **Email:** comunicacao@isq.pt · **Website:** www.isqgroup.com
» PRODUÇÃO EDITORIAL **Webtexto** Conteúdos Editoriais Lda. · **Email:** editorial@webtexto.pt · **Website:** www.webtexto.pt
» DESIGN + PAGINAÇÃO **Hexacubo** Comunicação e Design Lda. · **Email:** info@hexacubo.pt · **Website:** www.hexacubo.pt
» FOTOGRAFIA ISQ, entidades participantes e Shutterstock
» PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO Sprint - Impressão Rápida Lda.
» PERIODICIDADE Semestral » PREÇO DE CAPA 5,00 euros » TIRAGEM 1500 exemplares
» DEPÓSITO LEGAL 36587/90 » ISSN 0871-5742

Earth Agreem

Pedro Matias
PRESIDENTE DO ISQ

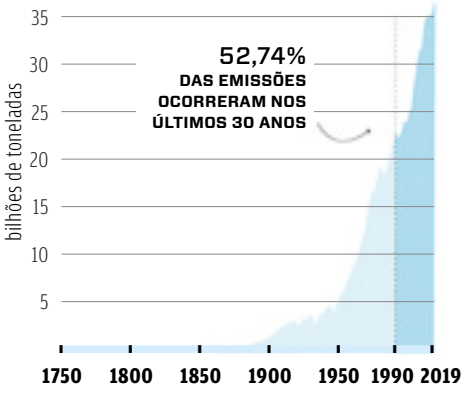
SE NÃO QUISERMOS SEGUIR PARA O ABISMO, OS LÍDERES POLÍTICOS TÊM DE ASSUMIR AS SUAS RESPONSABILIDADES E AS EMPRESAS DEVEM ATUAR NO QUADRO DAS EXIGÊNCIAS INCONTORNÁVEIS DE ESG, ASSIM COMO CADA UM DE NÓS INDIVIDUALMENTE.

ent

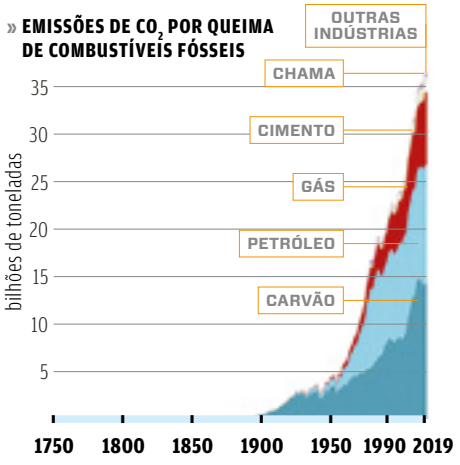
Em matéria de ambiente devemos sempre seguir uma posição que julgo nos ajuda a pensar e a agir de modo mais correto. Devemos sempre pensar que ***"nós não herdámos o Mundo dos nossos avós, antes o pedimos emprestado aos nossos filhos"***. E, assim como qualquer coisa que se pede emprestada, devemos devolvê-la pelo menos nas mesmas condições ou até, porventura, um pouco melhor.

No **gráfico da esquerda**, percebemos rapidamente o crescimento exponencial das emissões totais de CO_2 por ano e percebemos que nos últimos 100 anos elas tiveram um aceleramento brutal. Dessas emissões, mais de metade ocorreram nos últimos 30 anos... Ou seja, a primeira conclusão evidente: o Planeta Terra não aguenta, de todo, mais 100 anos com este tipo de crescimento exponencial e respetivos impactos. É tão simples quanto isso.

» **EMISSÕES TOTAIS DE CO_2 POR ANO**



» **EMISSÕES DE CO_2 POR QUEIMA DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS**



FONTE: GLOBAL CARBON PROJECT

O desenvolvimento económico e social no Mundo está a assumir um grande crescimento e com ele vem a questão da necessidade, quase inesgotável, de energia e de recursos e, por conseguinte, a poluição acrescida que a produção da mesma provoca e o forte impacto no clima e no Planeta. Vejamos dois gráficos que nos ajudam a perceber se as Alterações Climáticas são de facto reais ou não:

No **gráfico da direita**, vemos o que contribui essencialmente para essas emissões de CO_2 e concluímos rapidamente que as mesmas são em grande parte decorrentes da necessidade de obtenção de energia e recursos para suportar o modelo de economia e de sociedade que se criou nos últimos anos e que é fortemente consumidor de energia e de matérias-primas. Como vemos, grande parte das emissões derivam da necessidade de queima de combustíveis fósseis para se produzir energia. Ou seja, a segunda conclusão evidente (que é igual à primeira), é que o Planeta Terra não aguenta certamente mais 100 anos com este tipo de crescimento exponencial e respetivos impactos. É tão simples quanto isso.

Posto isto parece absolutamente evidente, para quem ainda nega estes factos, que o Planeta Terra não vai durar muito...

E é aqui que voltamos ao início do texto: **Que Planeta queremos deixar para os nossos filhos e netos e para toda a Humanidade?**

A responsabilidade é toda nossa. É toda de quem no presente não atua para prevenir o futuro. É toda de quem no presente não atua para que continue a existir futuro.

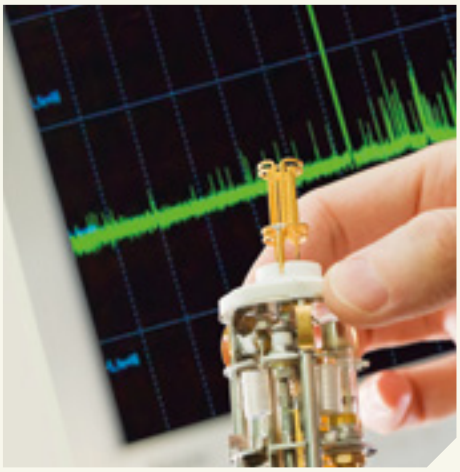
Daí a questão da relevância da recente Conferência das Nações Unidades sobre o Clima e que como sabemos, pese embora alguns avanços importantes, não conseguiu consciencializar os grandes líderes mundiais para a necessidade imperiosa de um Acordo Global para o Clima, uma espécie de ***"Earth Agreement"*** que nos permitisse evoluir para formas de presença na Terra mais amigas do ambiente e assentes no desenvolvimento sustentável da economia e da sociedade.

A questão de fundo é que os líderes mundiais são minimamente inteligentes para perceber que existe um problema, mas poucos estão disponíveis para abdicar de questões internas relativas aos seus países, aos seus programas políticos e às suas próprias agendas de poder em prol de algo maior. Eles sabem que esta sua atuação egoísta vai evidentemente prejudicar as suas próprias populações no longo prazo, mas vai permitir que mantenham o seu poder no curto prazo...

Enquanto tivermos uma lógica de curto prazo e colocarmos o poder pelo poder acima de tudo, não vamos conseguir inverter esta tendência e por isso seguiremos para o abismo que todos percebemos que vai ter lugar.

Os líderes políticos têm que assumir as suas responsabilidades globais, mas também as empresas, no quadro das exigências incontornáveis do ESG e também cada um de nós individualmente.

Este é o pano de fundo dos temas que abordamos neste número da nossa Revista TRUST.



LABCEM ACREDITADO PELO IPAC

O Laboratório de Compatibilidade Eletromagnética (LABCEM), do Grupo ISQ, foi recentemente acreditado pelo Instituto Português de Acreditação (IPAC), sendo vocacionado para avaliar a conformidade em CEM – compatibilidade eletromagnética – de vários tipos de dispositivos (testes de distúrbios eletromagnéticos irradiados e conduzidos). Além disso, este laboratório é um organismo notificado para a Diretiva de Compatibilidade Eletromagnética, tendo a possibilidade de realizar testes *in situ* em sistemas elétricos e eletrónicos de grande porte. Desde 2007, o LABCEM tornou-se o único laboratório, em Portugal, com capacidade para ensaios acreditados nas áreas de deteção de fogo, intrusão e controlo de acessos – sendo este um setor nicho da sua competência –, com produtos aprovados para mercados em vários continentes. Tornou-se também o único serviço técnico para o Regulamento UNECE 10, que tem como objetivo a homologação de equipamentos elétricos e eletrónicos, para serem instalados a bordo de veículos.

COOPERAÇÃO

Protocolo com ACIB reforça apoio ao Norte industrial

ISQ E ACIB ESTÃO A TRABALHAR EM CONJUNTO NAS SOLUÇÕES PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO DO TECIDO EMPRESARIAL DA REGIÃO NORTE.

O ISQ assinou um protocolo com a ACIB (Associação Comercial e Industrial de Barcelos) — importante pela sua representatividade industrial —, com o objetivo de trazer valor acrescentado ao tecido empresarial da região Norte, através de soluções para a reindustrialização.

"A ACIB e o ISQ trabalharão em conjunto para a dinamização de projetos estruturantes, visando o apoio às empresas, a cooperação institucional, a cooperação público-privada e a inclusão de ações coletivas de suporte à atividade empresarial", refere Pedro Matias, presidente do ISQ. Está, assim, em causa o desenvolvimento de projetos conjuntos, nos domínios da Indústria, da Energia, da Água e outros que no futuro venham a ser considerados relevantes.

Neste âmbito, o ISQ disponibilizará a este conjunto de empresas o seu *know-how* técnico, no domínio da inovação e I&D, necessário para o aumento da sua competitividade e da sua produtividade. Enquanto Centro de Interface Tecnológico Nacional, apoiará o Norte industrial com múltiplos serviços, que vão da engenharia, à inspeção e aos ensaios.

GALA *SUPERBRANDS* 2022 VOLTA A DISTINGUIR ISQ

Pelo segundo ano, o ISQ foi distinguido como uma *Superbrand Corporate* na categoria B2B, numa avaliação ao índice de reputação e relevância. Um painel alargado de profissionais identificou espontaneamente marcas que considerou relevantes na perspetiva de negócio. O evento, que atribuiu as distinções de 2022, decorreu no Museu do Oriente e destacou 37 marcas, nesta 18.ª edição. Esta é uma distinção da maior importância para o ISQ. Fruto de muito trabalho nos últimos anos, hoje atingimos um patamar ímpar, que tantas vezes só estava reservado a marcas de renome internacional. O selo *Superbrands* tem relevância quando uma marca, os seus serviços ou produtos são recomendados.

O ISQ&CTAG INTEGRA DOIS CONSÓRCIOS NAS AGENDAS *GREEN AUTO* E *NEW GENERATION STORAGE*.

ISQ&CTAG

INOVAÇÃO VERDE PARA A INDÚSTRIA AUTOMÓVEL COM INVESTIMENTO DE 6,2 MILHÕES DE EUROS

COMO ÚNICA PME DO CONCELHO DE MONÇÃO A PARTICIPAR NESTA INICIATIVA DO PRR, O ISQ&CTAG REITERA, MAIS UMA VEZ, O SEU PAPEL NO APOIO À REGIÃO.

Já foi assinado o segundo lote das Agendas Mobilizadoras e Agendas Verdes para a Inovação Empresarial. As Agendas fazem parte da Componente C5 – Capitalização e Inovação Empresarial, da dimensão Resiliência do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência), e pretendem acelerar a transformação estrutural da economia portuguesa, com base em I&D+I, na diversificação e na especialização da estrutura produtiva.

Como Laboratório de Validação e Engenharia de Processo, o ISQ&CTAG integra dois consórcios nas agendas *Green Auto: Green Innovation for the Automotive Industry*, liderada pela fábrica de Mangualde do Grupo Stellantis, e *NGS - New Generation Storage*, liderada pela DST Solar.

Na totalidade das duas agendas, o ISQ&CTAG é responsável pela execução de cerca de 6,2 milhões de euros de investimento. Este nível de investimento retrata bem o compromisso da empresa em apoiar a transição ecológica e energética, a transformação digital e o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo da economia portuguesa, através dos paradigmas dos veículos e das fábricas verdes.

ISQ E TUV SUD CERTIFICAM SOLUÇÃO PARA HIDROGÉNIO VERDE

O ISQ e a TUV SUD juntaram-se para certificar os parâmetros operacionais para o novo eletrolisador Hevo-Solar da Fusion Fuel, empresa portuguesa especializada em soluções de energia solar e hidrogénio verde. Este novo eletrolisador é, conceptualmente, inovador, já que permite obter hidrogénio através da conversão direta da energia solar. A instalação das primeiras unidades Hevo Solar será efetuada em Évora.

"O serviço será realizado por uma *joint venture* entre a TUV SUD e o ISQ, permitindo agregar as diversas capacidades técnicas destes dois grandes grupos industriais do setor das TIC (Testing, Inspection and Certification)", explica Pedro Matias, presidente do ISQ. O ISQ acompanhará, assim, um projeto inovador e de referência mundial que revolucionará a produção de hidrogénio.

ISQ RECEBE REUNIÃO DE AVALIAÇÃO DA ITD AIRFRAME DO CLEAN SKY 2

Realizou-se, nos dias 26 e 27 de outubro, nas instalações do ISQ, no Taguspark, em Oeiras, a reunião de avaliação das atividades desenvolvidas no Programa Europeu de Investigação e Desenvolvimento para o setor da Aeronáutica Clean Sky 2 (CS2). A reunião foi organizada pelo ISQ e contou com a presença de mais de 30 participantes, entre os quais estiveram presentes representantes do Clean Aviation, programa europeu sucessor do Clean Sky 2, integrado no Horizonte Europa. Participaram também outras entidades de relevo no setor, como a Airbus, a Airbus – Espaço e Defesa (ADS), a Airbus Helicópteros, a Dassault Aviation, a Leonardo, a SAAB, entre outras. O evento contou ainda com o patrocínio do Município de Oeiras (Oeiras Valley), no âmbito da dinamização do *Hub* para a Aeronáutica, Espaço e Defesa, em estreita colaboração com o Cluster AED.

ISQ E SINGULARITY DIGITAL ENTERPRISE PROMOVEM SUSTENTABILIDADE

Disponibilizar ao mercado soluções de monitorização e gestão de indicadores de sustentabilidade, de acordo com as melhores práticas e os *standards* existentes na Europa e no mundo, é o objetivo do Protocolo de Parceria firmado entre o ISQ e a Singularity Digital Enterprise.

Com a assinatura deste protocolo, o mercado tem à sua disposição um conjunto de instrumentos que permitirão desenvolver uma abordagem sistemática na monitorização e no acompanhamento de indicadores de sustentabilidade (*Performance Cockpits* de Sustentabilidade). Desta forma, promove-se o mapeamento e o enquadramento das empresas nas áreas de ESG, com a análise, a integração e a apresentação de dados e indicadores, recorrendo a algoritmos avançados e à Inteligência Artificial.

O ISQ REFORÇA A PRESENÇA NA ECONOMIA DA DEFESA

Projetos de investigação recentes, como o OVERWATCH, no âmbito do Horizonte Europa – dedicado à gestão da vigilância florestal e de potenciais desastres – ou o projecto SCORPENES – na área da manutenção preditiva de helicópteros –, no âmbito da EDA (European Defence Agency), refletem a estreita colaboração do ISQ com entidades nacionais promotoras da modernização e da inovação na Defesa, associadas aos diversos ramos das Forças Armadas, como o CINAMIL (exército) ou o CIAFA (força aérea).

Além disso, a criação de um Polo de Inovação Digital, na área da Defesa, o Defence4Tech, em parceria com a idD Portugal Defence, foi uma iniciativa de consolidação das competências nacionais na promoção da digitalização na economia da defesa, com a qual o ISQ se associou, contribuindo para a qualificação em competências digitais avançadas.

Com estes projetos, o ISQ – que integra a BTID (Base Tecnológica e Industrial de Defesa) há vários anos – reforça o seu contributo para a Economia e a Indústria da Defesa, em colaboração com os diferentes ramos das Forças Armadas e com outras entidades ou empresas do setor. Entre os projetos de investigação e desenvolvimento ou os serviços técnicos específicos prestados nesta área, destacam-se os no âmbito da NATO, na qual o ISQ é entidade acreditada.

INVESTIMENTO

ISQ torna-se acionista da AICEP Global Parques

A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS (CGD) VENDEU A SUA PARTICIPAÇÃO NA AICEP GLOBAL PARQUES, QUE FOI ADQUIRIDA PELO ISQ.

O ISQ chegou a acordo com a CGD para a compra da sua participação na AICEP Global Parques. Trata-se de uma participação minoritária, mas que permitirá à AICEP Global Parques ter um parceiro industrial como o ISQ, a maior infraestrutura tecnológica do país, motivada para aportar valor ao desenvolvimento económico e industrial de Sines.

A AICEP Global Parques gere centenas de hectares, em Sines, em toda a chamada ZILS (Zona Industrial e Logística de Sines) — 16 milhões de m^2. Nesta zona, estão instalados grandes complexos industriais, como as refinarias da GALP e da REPSOL, a Central Termoelétrica da EDP ou a empresa de química Indurama. É também na ZILS, em Sines, que estão a ser instalados vários investimentos estruturantes para o país, nas áreas do hidrogénio verde e dos cabos submarinos, como o EllaLink, dos Data Centers, ou ainda, na área da logística e dos transportes, como a expansão do Terminal Sines XXI e a construção do novo Terminal Vasco da Gama. Empresas como a Air Liquide, a Euroresinas, a Medway, a REN, a Cimpor, a Metalsines, a NOS, a Vodafone e a Companhia Logística de Combustíveis também estão instaladas neste espaço.

CIÊNCIA

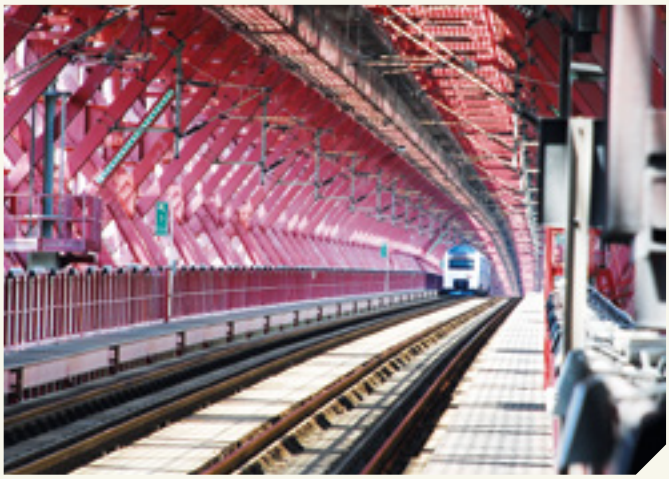
GOVERNO RECONHECE ISQ COMO CENTRO DE *INTERFACE* TECNOLÓGICO

OS CTI VÃO AJUDAR AS EMPRESAS E RESPETIVAS ASSOCIAÇÕES A ENFRENTAR DESAFIOS, COMO A TRANSIÇÃO CLIMÁTICA E DIGITAL, E A DINAMIZAR A INVESTIGAÇÃO APLICADA E A INOVAÇÃO.

» O ISQ está entre os primeiros 26 Centros de Tecnologia de Inovação (CTI) reconhecidos pelo governo, que vão levar a ciência ao tecido empresarial português. Estes CTI ajudarão as empresas (PME) e as associações empresariais a orientar a sua atuação para desafios atuais, como a transição climática e digital e a aplicação de novos materiais, e a dinamizar a investigação aplicada e a inovação.

Esta aposta no conhecimento, direcionada sobretudo para as pequenas e médias empresas, visa melhorar a sua competitividade e garantir uma maior internacionalização da economia portuguesa, com produtos de qualidade superior.

O processo contou com 37 candidaturas a reconhecimento como CTI (Despacho n.º 9799-A/2022 de 5 de agosto de 2022), válido por seis anos e renovável, mas apenas 26 foram aprovadas, nesta fase. As entidades foram selecionadas por uma comissão de avaliação independente, com base na capacidade técnica das instituições e no trabalho desenvolvido na transmissão de conhecimento ao tecido empresarial.



RAIL COLAB: ISQ PARTICIPA NO LABORATÓRIO COLABORATIVO PARA A FERROVIA

Na sua missão como entidade de *interface* e tecnológica, o ISQ integra mais um laboratório colaborativo, no domínio da Ferrovia, o RAIL CoLAB (Collaborative Laboratory for the Modernisation of the Railway System), cuja escritura teve lugar no passado mês de outubro. Esta associação conta com 17 membros – integrando empresas, institutos de investigação e a academia – e visa o desenvolvimento tecnológico de soluções diferenciadoras que melhorem o sistema ferroviário. Ao mesmo tempo, pretende-se que estas soluções sejam potenciadoras da criação de valor económico, de emprego científico e qualificado e da internacionalização da cadeia de valor do setor.

Esta associação sem fins lucrativos surgiu num contexto de mobilidade sustentável, contribuindo com os seus objetivos para a neutralidade carbónica, à qual temáticas como o hidrogénio e o transporte multimodal pertencem. Ao mesmo tempo, ao utilizar sistemas inteligentes aplicados às infraestruturas, ao material circulante, à operação, ou ainda, de forma transversal, às diferentes tipologias de transporte ferroviário, seja de passageiros ou de mercadorias, estas soluções permitirão aumentar a competitividade empresarial nacional. Por fim, a implementação do projeto de alta velocidade em Portugal surge como uma excelente oportunidade para consolidar as competências nacionais para a ferrovia e na qual o RAIL CoLAB terá, certamente, um papel importante a desempenhar. O ISQ faz ainda parte da direção da PFP (Plataforma Ferroviária Portuguesa), membro também do RAIL CoLAB.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL MONITORIZA E GERE RUÍDO AMBIENTAL

A DBWAVE, empresa do Grupo ISQ, desenvolveu uma solução inovadora, incorporando inteligência artificial para dar resposta ao problema do ruído ambiental, apoiando diversos setores da indústria e entidades públicas e privadas. Trata-se do projeto MIRA, que consiste no desenvolvimento de um sistema inteligente de monitorização do ruído ambiental, com múltiplas configurações. Este sistema é constituído por sonómetros e sensores que comunicam com uma plataforma de gestão, na qual é feito o processamento e a análise de dados e que tem a capacidade de deteção e classificação de distintos tipos de sons, mediante a incorporação de inteligência artificial, bem como da notificação de alertas e de informação para a tomada de decisão. Este sistema vai ajudar diversos setores: da indústria e operadores/infraestruturas de transportes, a municípios e todas as entidades privadas e públicas, responsáveis pelo cumprimento da legislação e da regulamentação sobre o ruído ou que pretendam aumentar a eficiência da gestão dos seus equipamentos produtivos, melhorando o ciclo de produção.

“A sustentabilidade está fundamentada economicamente”

Rodrigo Tavares
PROFESSOR CATEDRÁTICO CONVIDADO NA NOVA SBE

“TEM DE HAVER OBJETIVIDADE PARA QUE OS LÍDERES CORPORATIVOS INTEGREM AS PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE E NOTEM A CORRELAÇÃO COM O DESEMPENHO FINANCEIRO DAS SUAS EMPRESAS”, AFIRMA RODRIGO TAVARES. É UM CAMINHO NO QUAL PORTUGAL REVELA AINDA ALGUM ATRASO.

POR

CARLA GUEDES

FOTOS
PEDRO LOUREIRO

A correlação entre a sustentabilidade e o desempenho financeiro é evidente pela forma como demonstra ser “um caminho para a eficiência operacional e contribui para a redução de custos logísticos, estimula o aumento da produtividade e a satisfação dos funcionários, garante menor custo de capital, promove a inovação e o lançamento de novos produtos”, explica Rodrigo Tavares, em entrevista. No entanto, o professor catedrático convidado na Nova SBE lamenta que estas evidências, reveladoras da importância dos critérios de ESG (*Environmental, Social and Governance)*, ainda não sejam claras para a maioria das empresas portuguesas.

O que são, na prática, políticas de ESG e quais são os seus benefícios para o mundo empresarial e civil?
Creio que devemos analisar a sustentabilidade corporativa da forma mais racional possível. Uma empresa sustentável é aquela que alinha a geração de valor financeiro ao respeito pela sociedade em que opera e à preservação ambiental. A sustentabilidade deve ser vista como uma ferramenta de criação de valor a longo prazo. Porém, é preciso salientar que os líderes corporativos só integrarão práticas de sustentabilidade se constatarem que há vantagens económicas e financeiras inerentes a esse processo. Tem de haver objetividade. Daí ser importante sublinhar que a sustentabilidade está fundamentada economicamente. É um caminho para a eficiência operacional e contribui para a redução de custos logísticos, estimula o aumento da produtividade e a satisfação dos funcionários, garante menor custo de capital, promove a inovação e o lançamento de novos produtos. Estes são apenas alguns exemplos nos quais é possível notar correlações entre a sustentabilidade e o desempenho financeiro.

Embora sejam conceitos vitais para o sucesso e a sobrevivência das empresas, até que ponto o desenvolvimento sustentável e os critérios de ESG estão na mira das empresas portuguesas?
Estamos atrasados. Ainda existe a perceção de que a sustentabilidade é uma questão moralista, comunicacional ou de *branding*. Ou que é uma escolha. Parece-me uma visão anacrónica e superficial. Mas creio que a tendência seja as empresas portuguesas acabarem por normalizar práticas de sustentabilidade. Primeiro, porque a legislação europeia é taxativa no fomento das práticas de ESG. Atualmente, as empresas europeias, pelo menos as de maior porte, já precisam de reportar anualmente o seu trabalho em sustentabilidade. E, segundo, porque a maioria das escolas de negócios em Portugal tem uma oferta educativa nesta área. Os novos líderes corporativos são sensíveis a esta matéria e tiveram formação adequada. É verdade que continuamos a ter alguns obstáculos. O mercado financeiro português é muito pequeno e a vasta maioria das empresas não está exposta a investidores institucionais estrangeiros, que são fortes advogados da sustentabilidade. Por outro lado, os bancos portugueses começam a abraçar estes temas e a prover empréstimos condicionados ao perfil de sustentabilidade.

Quão fulcral é a adoção dos critérios de ESG numa pequena empresa? Como explica a uma PME a importância da sustentabilidade?
As micro, pequenas e médias empresas correspondem a 99% do tecido empresarial português. Se não criarmos condições para que elas se tornem mais sustentáveis, a sustentabilidade corporativa em Portugal terá um alcance muito limitado.

Dificilmente os investidores aportam capital em empresas que não tenham os mínimos padrões de comportamento a nível social, ambiental ou de governança. E a forma de incentivarmos as PMEs a tornarem-se mais sustentáveis é por intermédio de argumentos económico-financeiros. Se uma pequena empresa constatar que, ao reciclar resíduos sólidos, ao reutilizar materiais, ou ao tornar mais eficiente o seu consumo energético, poderá ter acesso a linhas de crédito bancário mais favoráveis ou a maximizar a lucratividade dos seus negócios, sentirá estímulo para fazer ajustes nos seus processos internos. Eu creio que a dificuldade para as PMEs não é o "porquê", mas o "como". Ainda falta formação pedagógica. A maioria dos pequenos empresários ainda não sabe o que fazer para tornar o seu negócio mais sustentável.

Entre as grandes empresas nacionais e multinacionais presentes em Portugal, este é um tema já muito concreto e com efeitos visíveis?

Sim, um número muito expressivo de empresas portuguesas de grande porte — como a Galp, a EDP, a Sonae ou a Jerónimo Martins, entre outras — são líderes em sustentabilidade, não só no contexto nacional, mas também internacional. São cotadas em bolsa com acionistas institucionais estrangeiros que exercem algum tipo de pressão para que sejam cada vez mais sustentáveis. Os investidores institucionais estão atentos à sustentabilidade como uma ferramenta de maximização do desempenho financeiro. Quanto mais sustentáveis forem as empresas da sua carteira, melhor poderá ser a *performance* agregada, com menor volatilidade. As empresas multinacionais portuguesas também têm a obrigação de divulgar publicamente o seu trabalho em sustentabilidade, o que serve de incentivo. Vejo também que as multinacionais que operam em áreas nas quais o tema da sustentabilidade é premente – como no setor da energia – já integram questões ambientais também a nível holístico e estratégico. Estão alinhadas com o resto da Europa. Mas é um alpinismo diário, uma transformação constante. Creio que em breve deverão abolir os seus departamentos de sustentabilidade, porque a sustentabilidade não é algo que possa ser enclausurado. Deve ser integrada transversalmente na visão, na estratégia, na governança, nas operações, nos produtos, nas finanças, em R&D, nas comunicação das empresas. Todos os compartimentos das empresas deverão incorporar práticas e dados em sustentabilidade.

"AS EMPRESAS MAIS SUSTENTÁVEIS TÊM ESTRUTURAS INTERNAS DE GOVERNANÇA MAIS ÁGEIS, LOGÍSTICAS MAIS EFICIENTES, CUSTOS DE CAPITAL MAIS BAIXOS, FUNCIONÁRIOS MAIS EMPENHADOS E, POR ISSO, SÃO MENOS VULNERÁVEIS A CHOQUES EXTERNOS."

Qual é o impacto de ESG na gestão de riscos?
ESG tem uma dupla natureza. Há investidores que integram indicadores de ESG nas suas análises de investimento para poderem gerar mais impacto social ou ambiental positivo (por exemplo, quem investe em saúde, educação ou energia verde), enquanto outros integram estes critérios para poderem identificar riscos com mais precisão. O segundo grupo representa a grande maioria. Além de riscos políticos, cambiais, financeiros, entre muitos outros, os investidores contabilizam também riscos de ESG, como alterações climáticas, problemas laborais, falta de transparência e de ética corporativa, entre dezenas ou centenas de outros temas de ESG. Os investidores que os desconsiderem numa análise de investimentos correm o risco de negligenciar temas importantes que impactam a *performance* financeira de uma empresa. É um comportamento arriscado. Eventualmente irresponsável.

Abrangendo ambiente, sociedade e governação, haverá áreas prioritárias em termos de implementação? Há um ciclo recomendado?
A transformação interna de uma empresa em direção à sustentabilidade é um processo único e dificilmente replicável. Nem todos os fatores sociais, ambientais ou de governança afetam as empresas da mesma forma. Há uma variação de acordo com o tamanho da empresa, o setor em que opera, o perfil de governação (empresa familiar e privada ou empresa de capital aberto) e a extensão da sua cadeia de valores, entre outros elementos. Eficácia na utilização de água é um indicador de ESG fundamental para a indústria de bebidas, mas menos relevante para uma empresa de comércio *online*. Para sabermos quais são os fatores de ESG que mais impactam financeiramente os modelos de negócio, temos de fazer uma análise de materialidade. Há várias ferramentas para executar este tipo de análise, como o *SASB Materiality Map* ou o *ESG Industry Materiality Map* da MSCI. Posteriormente, a transformação das empresas, para se tornarem mais inovadoras e sustentáveis, deverá ser centrada nestes elementos materiais.

Que espécie de recursos estão à disposição das empresas nacionais, podendo ajudá-las a implementar os critérios de ESG?
A sustentabilidade não pode ser vista como um custo longevo. Esse é um falso ponto de partida. Se a integração de práticas de ESG for feita com sofisticação e eficiência, as vantagens financeiras a longo prazo sobrepor-se-ão aos investimentos iniciais. Ou seja, as empresas portuguesas não podem estar dependentes de subsídios ou apoios externos para se tornarem mais sustentáveis. Uma empresa mais sustentável é uma empresa mais eficiente, mais bem governada, mais resiliente e com uma visão de longo prazo. É isto que os empresários deverão sempre desejar alcançar,

PERFIL

RODRIGO TAVARES

Professor catedrático convidado na Nova School of Business and Economics (Nova SBE), onde leciona cadeiras de finanças sustentáveis e de sustentabilidade corporativa. É também fundador e CEO do Granito Group, um premiado grupo financeiro dedicado ao avanço da economia sustentável, sediado no Reino Unido. A sua trajetória académica inclui as universidades de Harvard, Columbia, California-Berkeley e Gotemburgo. É autor de 4 livros. Em 2017, foi nomeado *Young Global Leader* pelo Fórum Económico Mundial. É colunista na *Folha de S.Paulo*.

independentemente dos anabolizantes externos que possam eventualmente receber. Mas eu concordo que ainda há escassez de conhecimento técnico. Em Portugal, as associações patronais, os sindicatos, as federações empresariais deveriam estar mais mobilizados para estes temas.

Que papel pode ter o Estado português e o governo, nesta matéria?

A sustentabilidade corporativa não se teria tornado um movimento tão universal se a sua viabilidade exigisse algum tipo de apoio indutor por parte de governos. Não precisa de bengalas para caminhar. Mas isso não exonera entidades públicas de responsabilidades. Acho que estruturas públicas deveriam envolver-se em temas formativos ou comunicacionais, ao informar as empresas sobre as suas responsabilidades legais na área da sustentabilidade ou sobre as oportunidades associadas aos negócios sustentáveis.

Existem já dados que retratem o estado da implementação dos critérios de ESG em Portugal?

Faltam estudos sobre este tema em Portugal. E mesmo os estudos internacionais, que indicam que cerca de 50% de todos os ativos sob gestão nos mercados de capitais integram uma lâmina de ESG nas decisões de investimentos, devem ser interpretados com alguma margem. Enquanto a terminologia e as práticas de sustentabilidade não estiverem devidamente convencionadas e estabilizadas, estes estudos que circulam no mercado não têm a força académica necessária para que sejam considerados rigorosos e científicos. Ainda assim, é possível afirmar que tanto as instituições financeiras quanto as empresas portuguesas estão atrasadas na sua trajetória em direção à sustentabilidade. Veem este domínio como um custo e não como uma oportunidade financeira, como algo moralista e não racional, como uma questão legalista e não de futuro.

> "EM PORTUGAL, AS ASSOCIAÇÕES PATRONAIS, OS SINDICATOS E AS FEDERAÇÕES EMPRESARIAIS DEVERIAM ESTAR MAIS MOBILIZADOS PARA ESTES TEMAS."

O que é, de facto, importante, segundo os critérios de ESG, para quem investe, quando olha para uma empresa?

Na sua essência, os investidores são mobilizados por princípios simples: querem ganhar o máximo dinheiro possível com o mínimo risco possível. Ao integrarem dezenas ou centenas de indicadores de ESG nas suas análises de investimento, além de vários outros critérios mais tradicionais, estão a cumprir a sua missão original. Os indicadores de ESG são ferramentas importantes para identificarmos novos riscos, novas oportunidades, novas tendências. Significa ceder mais informações a investidores para tomarem melhores decisões, mais precisas. Os investimentos tradicionais são uma radiografia. Os investimentos que integram fatores de ESG são uma ressonância magnética.

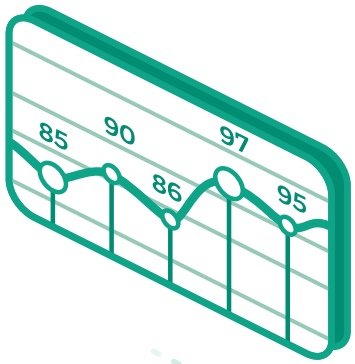
O ESG pode ser mais uma "moda"? Não podemos cair facilmente em *greenwashing*?

Sim, há esse risco, e por culpa dos próprios profissionais de ESG. Deixe-me tentar explicar. Do ponto de vista académico, técnico e financeiro, existe um certo consenso à volta da viabilidade da sustentabilidade corporativa e das finanças sustentáveis. Mas para que as empresas e o mercado financeiro se tornem mais sustentáveis e capitalizem essas práticas, já deveria ter sido criada uma robusta infraestrutura de apoio. Por exemplo? Existem mais de 30 formatos diferentes para as empresas reportarem o seu trabalho em sustentabilidade, mais de 100 agências de *rating* de ESG, poucos *standards* e normas sobre fundos de ESG, poucas consultoras especializadas. Caminhamos entre a abundância desnecessária e a escassez alarmante. Em dois ou três anos, o mercado estará mais profissional, estável e institucionalizado, mas, por enquanto, ainda estamos numa fase de transição. E é nesta fase que poderá brotar o *greenwashing*, voluntariamente ou involuntariamente.

Do seu ponto de vista, como é que o Grupo ISQ poderá ajudar o país e o mundo a melhorarem as suas práticas de sustentabilidade?

As finanças sustentáveis e a sustentabilidade corporativa estão prestes a entrar na terceira fase de formação. A primeira envolveu a criação – orgânica, subjetiva, espontânea – de práticas de sustentabilidade. A segunda é regulatória. Entidades nacionais e europeias têm apresentado novos quadros legais que cobrem todas as variantes da sustentabilidade, desde o consumo ou da produção de bens e serviços até à divulgação de dados ou à gestão de ativos financeiros. A partir daqui, tornar-se-á possível ingressarmos numa terceira fase, que será marcada pela padronização, pela auditoria e pela institucionalização de práticas. O mercado irá estabilizar-se e tornar-se previsível. A quarta fase será caracterizada pela normalização da sustentabilidade. Creio que deixaremos de falar ardentemente sobre este tema, porque irá banalizar-se, será tão comum, tão integrado na corrente sanguínea das empresas, que deixará de ser caracterizado como uma prática ou um conceito autónomo. O Grupo ISQ, dadas as suas competências multidisciplinares em certificação e licenciamento, poderá desempenhar um papel muito importante na terceira fase.

A ROTA IMPARÁVEL DO ESG



Percorrendo um caminho longo, as áreas de *environmental*, *social* e *corporate governance* (ESG) foram ganhando relevância e, hoje, são encaradas como um propósito das empresas. Todos os gestores e decisores que não compreendam isso estão a colocar seriamente os seus ativos e investimentos em risco. Ciente disso, o ISQ afigura-se como um forte aliado de qualquer *stakeholder* que queira aprofundar o seu caminho nesta rota.

POR

JOÃO SAFARA

Nos dias de hoje, certamente que muito poucos conhecem ou leram o livro *Silent Spring* da cientista e ecologista Rachel Carson, editado em 1962, nos Estados Unidos da América, mas, graças a este livro e a todo o trabalho dedicado da autora, o mundo ocidental começou a interrogar os efeitos dos pesticidas sintéticos e os seus malefícios na alimentação, na saúde humana e animal e na proteção dos solos. Com esse manifesto, foram banidos determinados pesticidas, nomeadamente o DDT (diclorodifeniltricloroetano), e a exposição da *accountability* e da reputação corporativa ganhou forma e relevância.

Podemos dizer que os resultados gerados pela investigação e divulgação do *Silent Spring* foram os primórdios ou as bases do que hoje a sociedade apelida como políticas e avaliação de ESG (*Environmental, Social and Corporate Governance*).

Ao longo das últimas décadas do século XX, a Organização das Nações Unidas (ONU), através dos seus diferentes organismos, promoveu discursos, metodologias, ações, apoios e planos comunicativos, tendo em conta o desenvolvimento sustentável das diversas comunidades. Para a ONU, a economia e a sociedade teriam de olhar para os aspetos ambientais e sociais, nas suas diversas formas de interação.

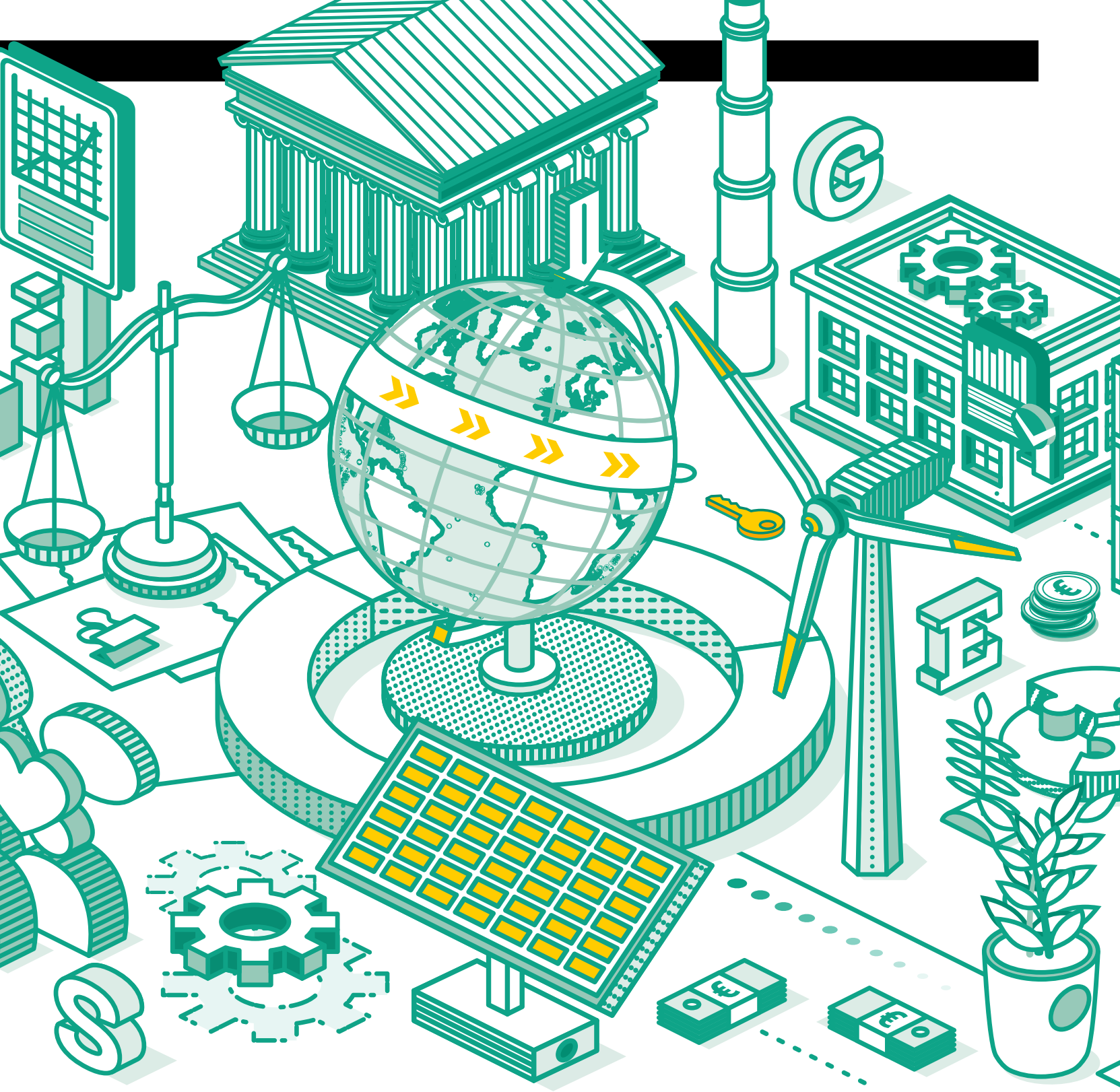
Na Europa, a Comissão Europeia lançou pela primeira vez, em 2001, um documento sobre como criar e promover uma metodologia de responsabilidade social corporativa, que hoje é amplamente conhecido e divulgado como o modelo CSR (*Corporate Social Responsibility*).

Documento *Who Cares Wins*

Nos anos seguintes, os temas sobre responsabilidade social começaram a ser alvo de muitos estudos académicos e diversas sub-ramificações começaram a surgir, o que originou uma visão e um posicionamento mais amplos. Até que, em 2004, o Banco Mundial, juntamente com o governo suíço e 23 instituições financeiras de vários países, lançou um documento que intitulou como *Who Cares Wins*. O objetivo foi criar *guidelines* e recomendações para os gestores de ativos integrarem nos seus portefólios aspetos relacionados com as áreas de *environmental, social* e *corporate governance*, e foi desta forma que o termo "ESG" apareceu pela primeira vez.

Todas as instituições financeiras que pertenceram ao estudo concluíram que, num mundo cada vez mais globalizado, complexo e competitivo, há uma premissa: para as melhores empresas e os melhores gestores continuarem a

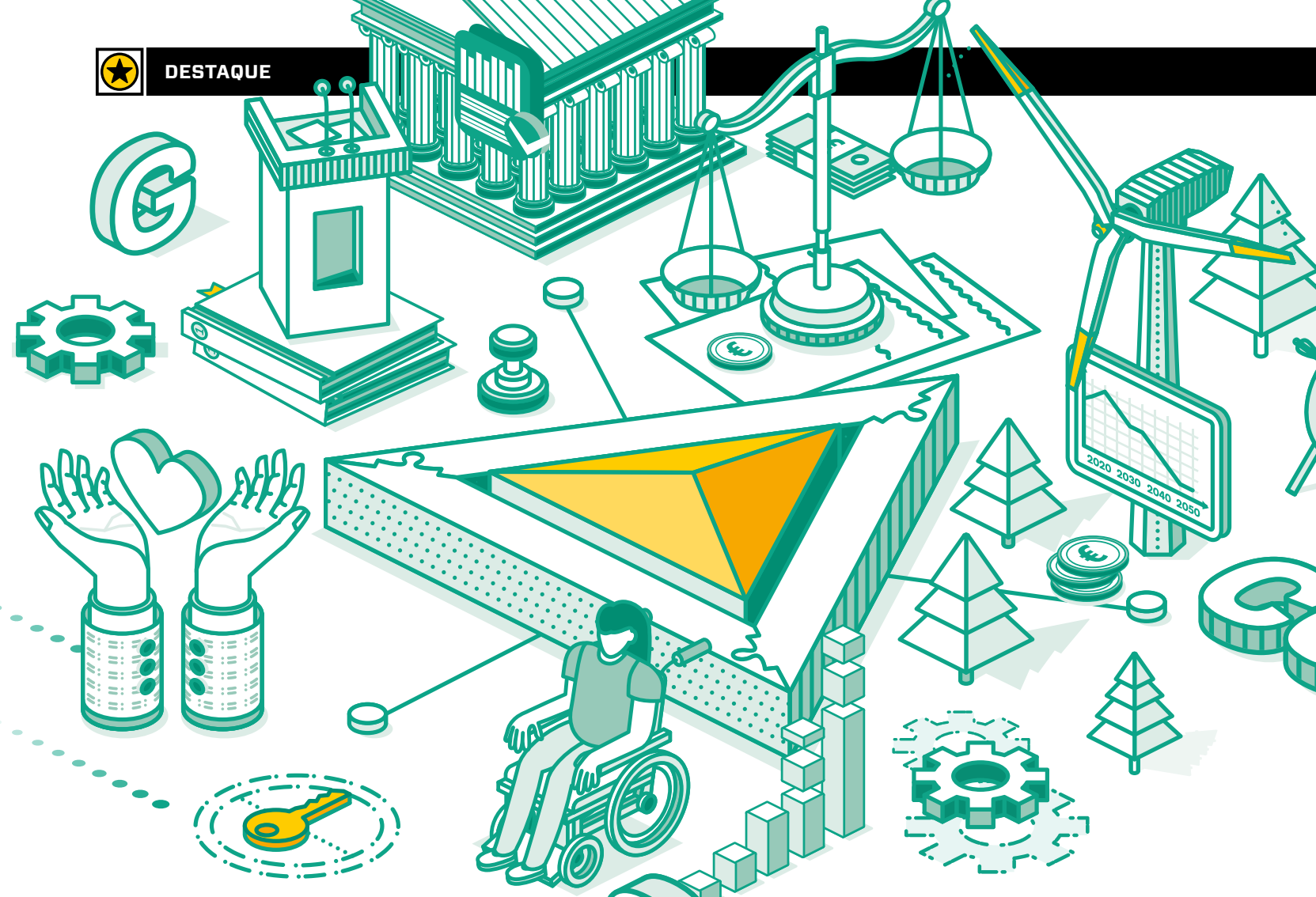
PREMISSA NUM MUNDO GLOBALIZADO
PARA SE MANTEREM COMO LÍDERES DOS SEUS SETORES E MERCADOS, AS EMPRESAS TÊM, FORÇOSAMENTE, DE GERIR ASPETOS RELACIONADOS COM O ESG.



A CRIAÇÃO DE VALOR A MÉDIO / LONGO PRAZO NAS EMPRESAS JÁ COMEÇA A SER IMPOSTA POR DIVERSOS *STAKEHOLDERS*, AO INVÉS DA (MAIS FÁCIL) CRIAÇÃO DE VALOR A CURTO PRAZO, O QUE ESTÁ A TRAZER IMPACTOS MUITO CONSIDERÁVEIS NAS AVALIAÇÕES POR PARTE DAS EMPRESAS DE *RATING*.

ser líderes dos seus setores e mercados terão que, forçosamente, gerir aspetos relacionados com o ESG.

Outra das conclusões retiradas do relatório *Who Cares Wins* é que um determinado acionista que queira ver o seu valor maximizado terá de exigir aos gestores das suas empresas trabalho nos aspetos do ESG. Só assim a gestão do risco será conduzida com outra visão, a relação com os reguladores ou com outras autoridades será realizada de uma forma mais transparente e o posicionamento do mercado será reconhecido pelos consumidores, o que vai incrementar o valor do negócio e da marca.



As perguntas de ESG que requerem uma resposta

SEGUNDO O BCSD (CONSELHO EMPRESARIAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL), AS EMPRESAS QUE PROCURAM ENVEREDAR PELO CAMINHO DO ESG DEVEM SER CAPAZES DE RESPONDER DE FORMA SIMPLES, CLARA E SISTEMATIZADA A UM CONJUNTO DE QUESTÕES QUE OS INVESTIDORES PROCURAM NA INFORMAÇÃO DISPONIBILIZADA:

- **Como é que a empresa avalia os riscos decorrentes das alterações climáticas?**
- **Como é que se processa o equilíbrio entre o desempenho a curto prazo e o a longo prazo, nos incentivos da compensação dos membros do *board*?**
- **Como é que os gestores são compensados para prevenirem ações de corrupção e suborno?**
- **Como é que a empresa avalia o risco de gestão do *stress* de água, no processo produtivo e na cadeia de fornecimento?**
- **Como é que a empresa mede a produtividade e o desenvolvimento do seu capital humano?**
- **Como é que a empresa avalia os riscos de ameaça à segurança dos seus dados?**
- **Qual é a estratégia para maximizar a produtividade e a motivação dos seus colaboradores?**
- **Como é que a *governance* da empresa suporta uma estratégia de segurança?**
- **Qual é o risco de aumentar as receitas em países em vias de desenvolvimento?**

A disseminação do ESG

Esta *trend*, iniciada pelo relatório referido, foi o detonador para que, nos anos seguintes, a ONU e diversas Bolsas de Valores lançassem os seus *guidelines*, as suas plataformas de promoção e os seus incentivos a uma política de ESG. A Bolsa de Nova Iorque, juntamente com a ONU, em 2006, publicou o manual *Principles for Responsible Investment* (PRI) que foi alvo de diversas "cópias" pelas restantes Bolsas mundiais, originando, dessa forma, *buzzwords* correntes como "transparência corporativa" ou "investimentos sustentáveis".

A principal base de referência para CSR, lançada em 1997, *The Global Reporting Initiative* (GRI), rapidamente percebeu a importância do ESG e incluiu, em 2009, as suas primeiras menções ao tema. Hoje, podemos constatar, nos diversos relatórios de GRI das principais empresas mundiais, referências ao clima, à governança,

SABIA QUE...

O TERMO "ESG" APARECE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2004, QUANDO O BANCO MUNDIAL LANÇOU O DOCUMENTO *WHO CARES WINS*, COM *GUIDELINES* E RECOMENDAÇÕES PARA OS GESTORES DE ATIVOS INTEGRAREM NOS SEUS PORTEFÓLIOS ASPETOS RELACIONADOS COM AS ÁREAS DE *ENVIRONMENTAL, SOCIAL* E *CORPORATE GOVERNANCE*.

MÉTRICAS DE ESG ESTÃO A SER ESTUDADAS E IMPLEMENTADAS PARA HAVER UMA UNIFORMIZAÇÃO DE CONCEITOS, METODOLOGIAS E CERTIFICAÇÕES.

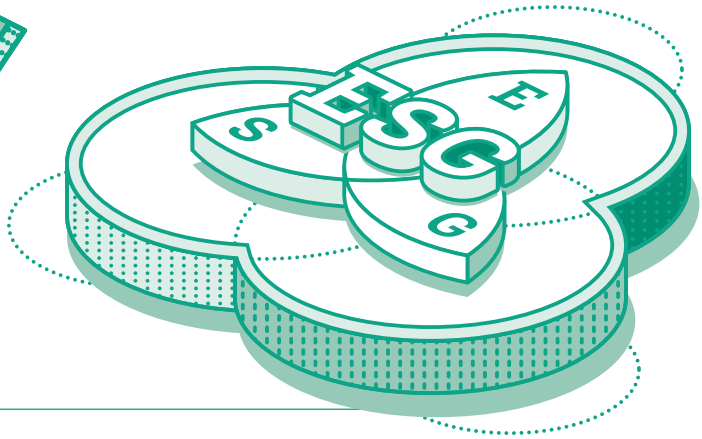
aos direitos humanos e dos trabalhadores ou mesmo a questões como o *well-being*.

Nos últimos anos, a transformação corporativa dos critérios de ESG tem sido galopante e, na reunião de Davos 2020, já foi referida uma nova forma de capitalismo, o *stakeholder capitalism*, muito baseado nos aspetos e critérios de ESG. A criação de valor a médio/longo prazo nas empresas já começa a ser imposta por diversos *stakeholders*, ao invés da (mais fácil) criação de valor a curto prazo, o que está a trazer impactos muito consideráveis nas avaliações por parte das empresas de *rating*.

A criação de métricas

Diversas métricas quantitativas estão a ser estudadas e implementadas de forma a existir uma harmonização de conceitos, metodologias e certificações entre diferentes setores económicos e regiões geográficas. Como a história já nos ensinou a todos, a natureza humana é frágil e permeável a desonestidades ou falsificações, por isso, ações cada vez mais comuns de *green/social washing* estão a ocorrer e todos nós, *stakeholders*, devemos denunciar e abolir essas práticas.

Como vimos, o caminho do ESG tem sido longo e não tão rápido como a degradação do planeta Terra, mas, mais do que tendências, as atuais gerações Z ou Y olham para o ESG como um propósito. Todos os gestores e decisores que não compreendam isso estão a colocar seriamente os seus ativos e investimentos em risco.



Quais são os indicadores de ESG a ter em conta?

O ESG ENGLOBA OS ASPETOS "AMBIENTE", "SOCIAL" E "*GOVERNANCE*" DE UMA ORGANIZAÇÃO, ABRANGENDO UMA PANÓPLIA VASTA DE INDICADORES. AS EMPRESAS DISPÕEM DE VÁRIOS PADRÕES QUE AS AJUDAM A IDENTIFICAR OS TÓPICOS DE SUSTENTABILIDADE, SENDO QUE OS PRINCIPAIS FORNECEDORES DE INFORMAÇÃO ESG SÃO AS AGÊNCIAS DE *RATING*. A AGÊNCIA MSCI ESG RESEARCH, DOS EUA, UTILIZA OS SEGUINTES INDICADORES, QUE PODEM SER CONSULTADOS NO *GUIA PARA APOIAR AS EMPRESAS A REPORTAR OS INDICADORES ESG* DO BCSD (CONSELHO EMPRESARIAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL).

ASPETOS AMBIENTAIS

- **ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS:**
  - emissões de carbono;
  - eficiência energética;
  - pegada carbónica e impacto financeiro ambiental;
  - vulnerabilidade das alterações climáticas.
- **RECURSOS NATURAIS:**
  - *stress* da água;
  - biodiversidade e uso da terra;
  - fonte dos materiais.
- **POLUIÇÃO E RESÍDUOS:**
  - emissões tóxicas e resíduos;
  - material de embalagem e resíduos;
  - resíduos eletrónicos.
- **OPORTUNIDADES AMBIENTAIS:**
  - oportunidades em tecnologia limpa;
  - oportunidades em edifícios verdes;
  - oportunidades em energias renováveis.

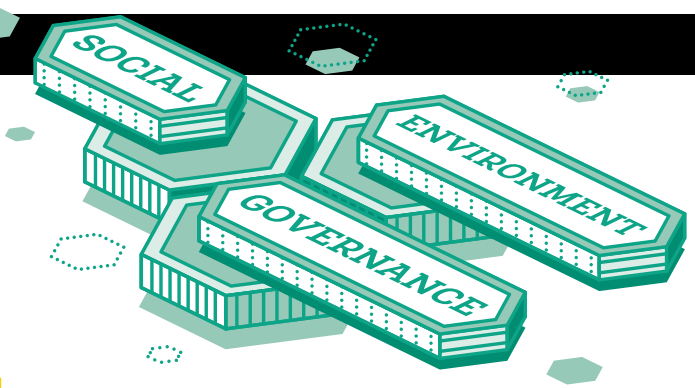
ASPETOS SOCIAIS

- **CAPITAL HUMANO:**
  - relações laborais;
  - saúde e segurança;
  - desenvolvimento do capital humano;
  - condições de trabalho na cadeia de fornecimento.
- **RESPONSABILIDADE DO PRODUTO:**
  - segurança e qualidade do produto;
  - segurança química;
  - segurança financeira do produto;
  - segurança e privacidade de dados;
  - investimento responsável;
  - saúde e risco demográfico.
- **OPOSIÇÃO DE *STAKEHOLDERS*:**
  - controvérsias *sourcing*.

ASPETOS DE *GOVERNANCE*

- ***CORPORATE GOVERNANCE*:**
  - *board*;
  - compensação;
  - posse de ações;
  - *accounting*.
- **COMPORTAMENTO DO GOVERNO CORPORATIVO:**
  - ética no negócio;
  - práticas anti-concorrenciais;
  - combate à corrupção e à instabilidade;
  - instabilidade do sistema financeiro.

O ISQ, sendo uma associação sem fins lucrativos, sempre olhou, ao longo da sua história, para os diversos mercados com uma visão de longo prazo. Através das suas competências técnicas, dos seus recursos humanos especializados, das suas infraestruturas e da sua robusta experiência nas áreas da sustentabilidade, poderá ser um forte aliado de qualquer *stakeholder* que queira aprofundar o seu caminho na rota (imparável) do ESG.



RETRATO DOS **RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE** À ESCALA GLOBAL

Cada vez mais empresas estão a reportar o seu desempenho na área da sustentabilidade, fruto não só da legislação e da regulamentação, mas também pelo facto de ser cada vez mais evidente o impacto que os fatores de ESG têm no desempenho financeiro e no valor corporativo das empresas.

É isso que mostra o *The KPMG Survey of Sustainability Reporting 2022*, um estudo que retrata as tendências globais dos relatórios de sustentabilidade, através de um inquérito em que foram consultadas 5.800 empresas de 58 países, territórios e jurisdições.

96%
DAS EMPRESAS G250* A NÍVEL GLOBAL REPORTAM SOBRE SUSTENTABILIDADE OU TEMAS DE ESG

74%
DAS EMPRESAS G250* QUE PRODUZEM RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE INCLUEM OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ONU (SDG, NA SIGLA EM INGLÊS)

71%
DAS EMPRESAS N100** IDENTIFICAM TÓPICOS DE ESG

GRI **TCFD** **SDG**

SÃO OS PADRÕES MAIS UTILIZADOS PARA REPORTAR AS ATIVIDADES DE SUSTENTABILIDADE

*250 maiores empresas consoante a receita, segundo o *ranking Fortune 500* de 2021.
**Amostra mundial das 100 maiores empresas consoante a receita em 58 países, territórios e jurisdições.

FONTE: *THE KPMG SURVEY OF SUSTAINABILITY REPORTING 2022*

OS CRITÉRIOS DE ESG MAIS PRESENTES

O ESG é uma âncora para a criação dos relatórios de sustentabilidade das empresas. Analisando, pela primeira vez, em 2022, a inclusão dos fatores de E, S e G nestes relatórios, a KPMG concluiu que o E da sigla ESG (definido como "mudança climática", neste estudo) é destacado com muito mais frequência do que o S e o G. Nota-se o facto de as preocupações ambientais serem cada vez mais focadas.

Taxas de reporte globais para os riscos E, S e G

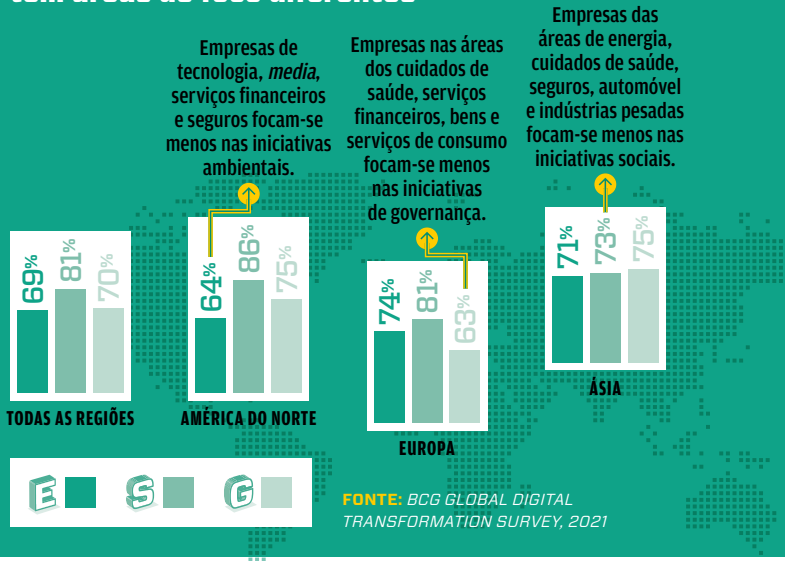
E — N100 → 46% — G250 → 64%

S — N100 → 43% — G250 → 49%

G — N100 → 41% — G250 → 44%

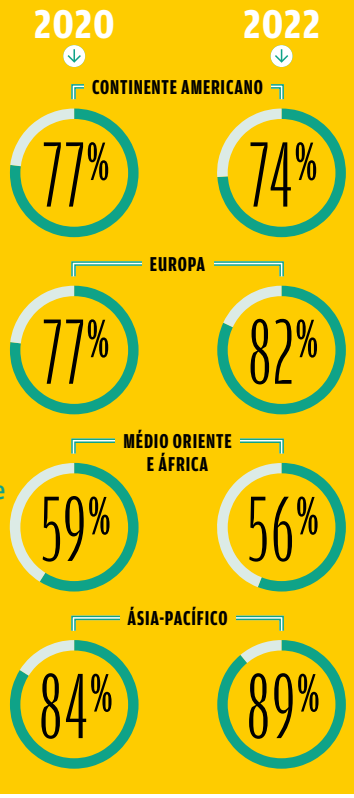
Olhando com mais detalhe para cada uma das regiões do globo, as iniciativas sociais são prioritárias na América do Norte e na Europa. No velho continente, os temas da diversidade, da equidade e da inclusão também assumem grande relevância. Já na Ásia, a área de *governance* ganha destaque, revelam os dados de um inquérito a mais de 850 empresas realizado pelo Boston Consulting Group.

Ásia, Europa e América do Norte têm áreas de foco diferentes



FONTE: *BCG GLOBAL DIGITAL TRANSFORMATION SURVEY, 2021*

Europa *vs* outros continentes
Taxas de *reporting* de sustentabilidade



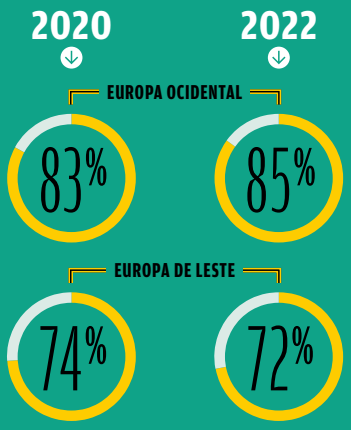
A REALIDADE NA EUROPA

Olhando para a Europa como um todo, a taxa de empresas que produzem relatórios de sustentabilidade aumentou entre 2020 e 2022, aproximando-se dos valores da Ásia-Pacífico, região do mundo onde a cobertura de empresas que apresentam indicadores de sustentabilidade é maior.

FONTE: *THE KPMG SURVEY OF SUSTAINABILITY REPORTING 2022, BASE EMPRESAS N100*

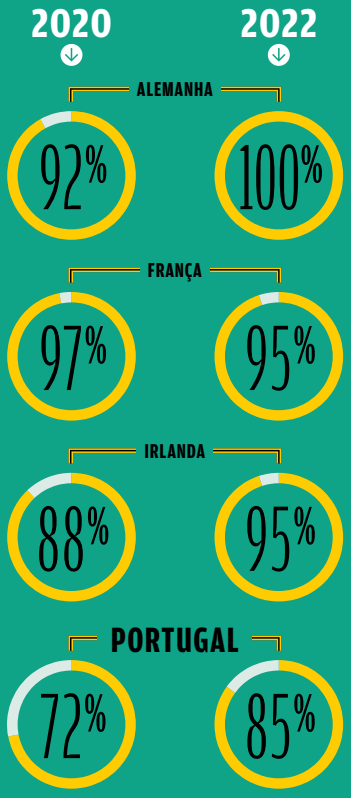
AS DUAS EUROPAS

O cenário pode ser bem diferente, quando se olha para a realidade de cada país. As taxas são mais elevadas na Europa ocidental, comparativamente com a Europa de Leste, região onde a taxa de crescimento baixou, depois de ter registado uma recuperação em 2020.



PAÍSES QUE MAIS SE DESTACAM NA EUROPA

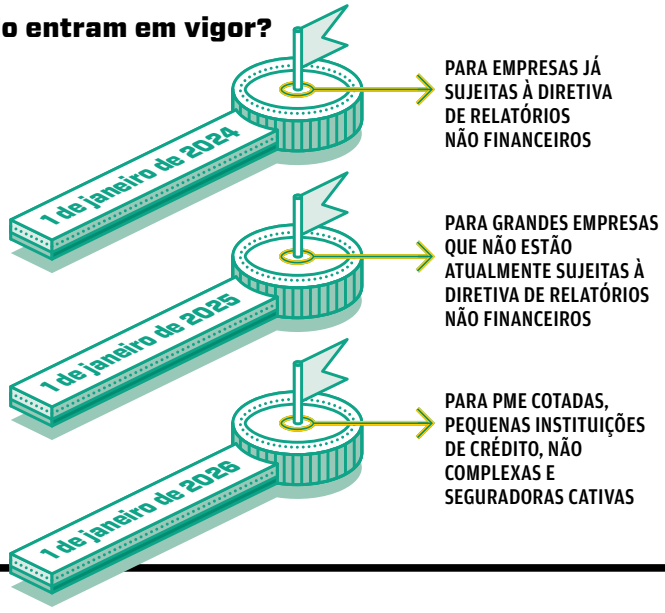
Na União Europeia, salientam-se três países com taxas de reporte acima dos 95%. Comparativamente, Portugal está ainda abaixo, mas a evidenciar uma forte recuperação.



NOVAS REGRAS NA UE E EM PORTUGAL

A nova Diretiva de Comunicação de Informações sobre a Sustentabilidade das Empresas (CSRD, sigla em inglês) altera a Diretiva de Divulgação de Informações Não Financeiras (NFRD, sigla em inglês), de 2014, e inclui novos requisitos a cumprir no reporte das áreas de sustentabilidade, incluindo direitos ambientais, direitos sociais, direitos humanos e fatores de *governance*. Abrange, ainda, requisitos de comunicação e de acessibilidade das informações.

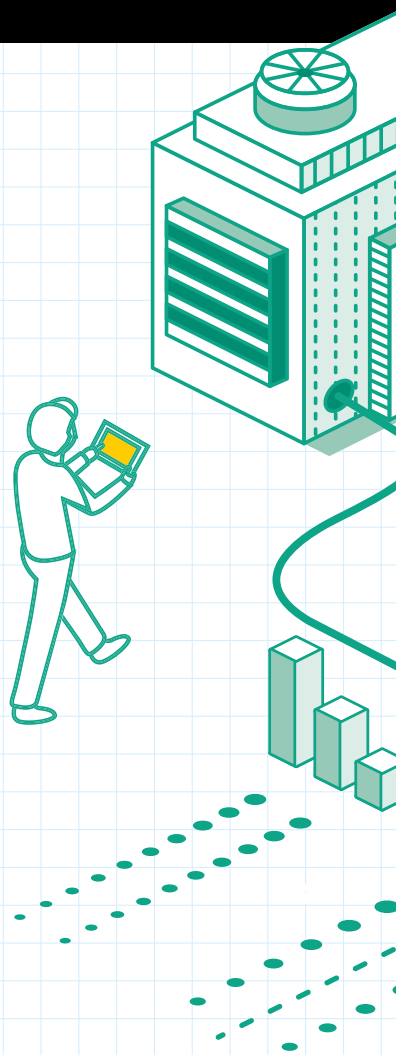
Quando entram em vigor?



DATAS COM HISTÓRIA

Um caminho rumo à sustentabilidade

POR VIA DE POLÍTICAS INTERNAS OU ATRAVÉS DOS PROJETOS EM QUE PARTICIPOU, O GRUPO ISQ TEM JÁ UMA LONGA EXPERIÊNCIA NAS ÁREAS DA SUSTENTABILIDADE QUE MARCAM OS CRITÉRIOS DE ESG.



1994

- Atribuição do complemento do subsídio de doença.
- Atribuição do subsídio de estudo e de nascimento aos colaboradores do ISQ.
- Assistência médica nas instalações do ISQ.
- Primeiro projeto I&D na área da eficiência energética.

1996

- Registo do ISQ como ONGD (Organização Não Governamental de Cooperação para o Desenvolvimento).

1997

- Diagnóstico preliminar do EIA da indústria petrolífera em Angola para a Sonangol.

1998

- Criação do Gabinete de Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho.
- Diagnóstico ambiental da bacia do Congo, província do Zaire, para a FINA Petróleos de Angola.

1999

- Diagnóstico e auditoria ambiental ao operador dos Blocos 3 e 17 - Elf Aquitaine Angola para a Sonangol.
- Diagnóstico e auditoria ambiental ao operador do Bloco 2 - Texaco Panama Inc. (Angola) para a Sonangol.
- Diagnóstico e auditoria ambiental ao operador do Bloco 0 - Cabinda Gulf Oil Company (CABGOC Angola) para a Sonangol.
- Diagnóstico e auditoria ambiental ao operador da bacia do Congo - FINA (Angola) para a Sonangol.

2000

- Inspeção ambiental do abandono e reabilitação da exploração petrolífera na bacia do Kwanza, em Angola, para a FINA Petróleos de Angola.

2002

- ISQ como membro fundador do Centro para a Prevenção da Poluição C3P.

2006

- Divulgação das Regras Gerais de Segurança (S).

2009

- ISQ lança o Serviço de Aconselhamento para a Promoção do Bem-estar Psicológico do Colaborador (S).
- O projecto "OILPRODIESEL" - coordenado pelo ISQ/ID Ambiente - foi seleccionado pela Comissão Europeia como um dos 23 melhores projectos do programa LIFE AMBIENTE de 2009.

2010

- Lançamento do Plano de Formação em Segurança Obrigatória.

2013

- Entre a década de 1990 e 2013, realizaram-se diversos trabalhos em Angola, desde os estudos de impacte ambiental e a descontaminação de campos petrolíferos até trabalhos de auditoria ambiental.

2014

- Publicação do *Código de Ética e Integridade* do Grupo ISQ (G).

2015

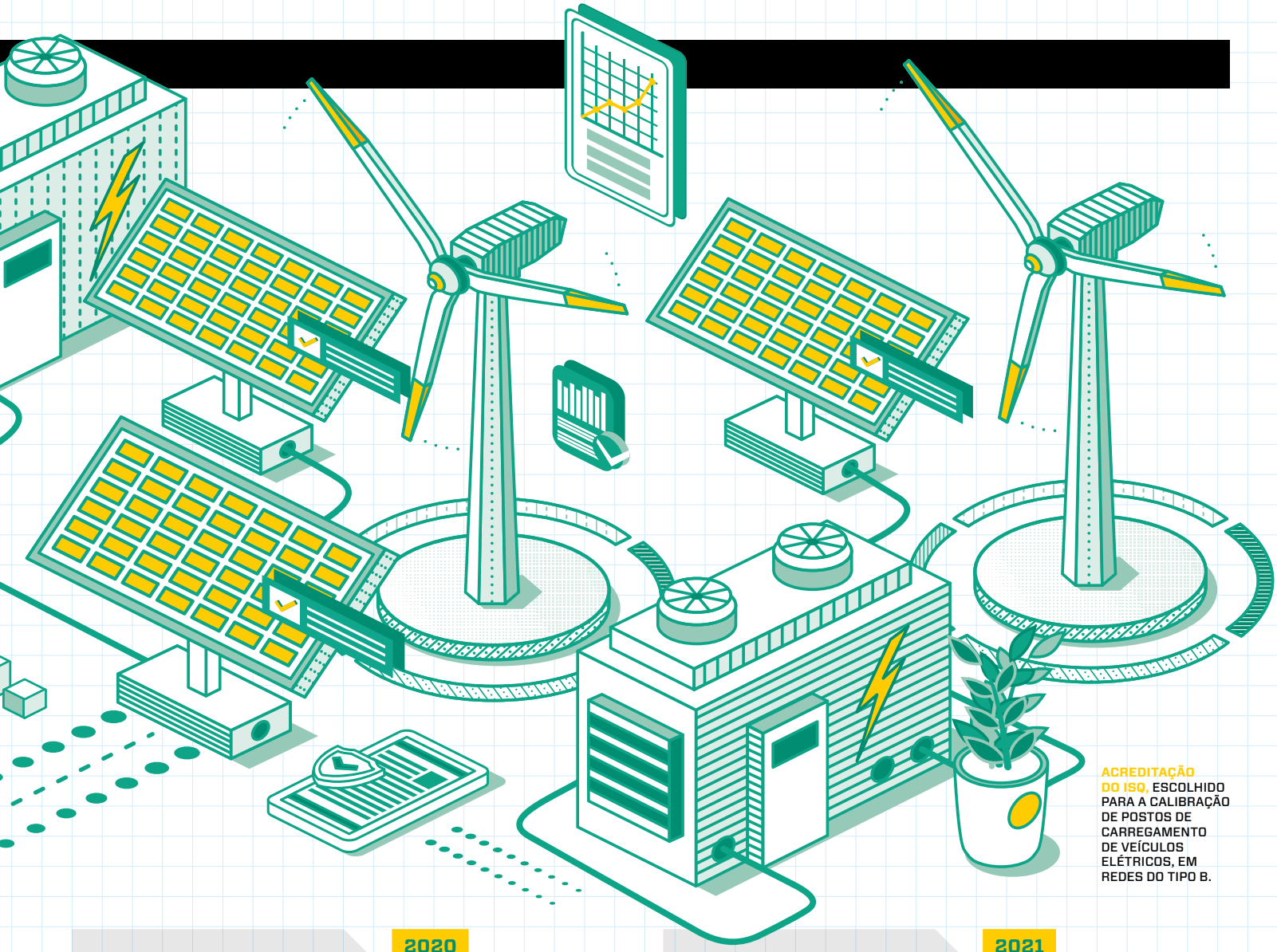
- Início das ações de formação, no âmbito da Ética, para os colaboradores do Grupo ISQ.

2016

- *European Innovation Partnership on Smart Cities and Communities* (EIP-SCC).
- Aprovação do projeto de economia circular - Alentejo Circular.

2017

- Criação da empresa Grow to Green, que tem como objetivo comercializar soluções de produção agrícola em *Indoor Vertical Farming* (IVF).



ACREDITAÇÃO DO ISQ, ESCOLHIDO PARA A CALIBRAÇÃO DE POSTOS DE CARREGAMENTO DE VEÍCULOS ELÉTRICOS, EM REDES DO TIPO B.

» Criação da empresa QART, que opera na área da monitorização ambiental e no mapeamento urbano (E).

» Início do Projeto de Voluntariado Empresarial ISQ.

2018

» Participação no projeto E-Tijolo, para reaproveitamento de beatas de cigarros na produção de tijolos (E).

» Adesão à Carta de Princípios do BCSD Portugal.

2019

» QA/QC, *Safety* NDT de duas plataformas *windfloat*, o primeiro sistema *offshore* de geração de energia eólica em Portugal (E).

2020

» QCPharma é reconhecido pela Food and Drug Administration (FDA), a agência federal dos Estados Unidos da América responsável pela proteção e pela promoção da saúde pública (S).

» ISQ integra o *Board of Directors* do TIC Council.

» Assinatura do Protocolo Lisboa Capital Verde.

» Parceria entre o ISQ e a Business as Nature.

» Coorganização do Prémio AGEAS / Revista Exame / Ordem dos Economistas - pelas prevenção, segurança e sustentabilidade para as PME.

» Participação no Fórum Internacional das Comunidades Inteligentes e Sustentáveis.

» Formação com empresas nas áreas da sustentabilidade corporativa, do ESG, da estratégia de negócio e da economia circular.

» Pacto de Mobilidade Empresarial para a Cidade de Lisboa (PMEL).

» *Best Practices Award for Sustainable Development*, na Expo Dubai.

2021

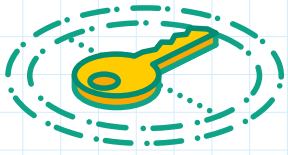
» Republicação do *Código de Ética e Compliance* do Grupo ISQ.

» Plano para a Igualdade de Género.

» Acreditação do ISQ para calibração de postos de carregamento de veículos elétricos, em redes do tipo B.

» Participação no Comité de Sustentabilidade - Câmara Portuguesa Brasil-Portugal e Fundação Dom Cabral.

» Matriz de Riscos Psicossociais.



SOCIEDADE DO FUTURO

Novos pilares da sustentabilidade e critérios de ESG

PARA MELHORAR O BEM-ESTAR DOS CIDADÃOS, ASSEGURAR A NEUTRALIDADE CLIMÁTICA E PROTEGER A BIODIVERSIDADE, NOVOS PARADIGMAS ESTÃO A SER CRIADOS, ABARCANDO CONCEITOS COMO "DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL", "*DUE DILIGENCE* AMBIENTAL", "ESG", "ECONOMIA CIRCULAR", "FINANÇAS SUSTENTÁVEIS" OU "*SMART CITIES*".

A contínua degradação do planeta Terra e das condições de vida da população mundial despertou as sociedades para os impactos ambientais, sociais e de governação, resultantes de atividades antropogénicas sustentadas pelo rápido crescimento económico. A Europa não poderia ficar indiferente. Com a entrada em vigor do Pacto Ecológico Europeu foi delineada uma estratégia de crescimento da Europa, que visa melhorar o bem-estar e a saúde dos cidadãos, assegurar a neutralidade climática até 2050 e proteger, conservar e reforçar o capital natural e a biodiversidade. Já a Comissão Europeia adotou um pacote de medidas destinadas a melhorar o fluxo de fundos para atividades sustentáveis, em toda a União Europeia. Este pacote permitirá que os investidores reorientem os seus investimentos para tecnologias e empresas mais sustentáveis.

POR

MARIA MANUEL FARINHA

FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

Desta forma, surgiu o novo conceito de "finanças sustentáveis" e um novo paradigma no mercado financeiro, que redireciona os fluxos financeiros para investimentos sustentáveis. Estabeleceu-se, assim, que as "finanças sustentáveis" se destinam a apoiar o crescimento económico, reduzindo, simultaneamente, as pressões sobre o ambiente e considerando os aspetos sociais e de governação. Mais do que isso, abrangem a transparência sobre os riscos ligados a fatores de ESG, com impacto no sistema financeiro, e a mitigação destes, através de uma governação adequada dos atores financeiros e empresariais.

As nossas empresas e organizações ainda têm um vasto caminho a percorrer na implementação dos pilares de sustentabilidade e categorias de ESG. Por isso, é premente ampliar a sua literacia nestes temas, para que possam definir uma estratégia que tenha como objetivo o reforço da inovação, das competências e capacidades, das tecnologias e das condições sociais, ambientais e de governação, da exportação e da criação de redes entre pares e/ou empresas complementares, que possibilitarão o crescimento do produto interno bruto, graças a empresas de última geração.

PLANOS ESTRATÉGICOS

Todas estas alterações e tomadas de consciência criam novos desafios e novas oportunidades para o país, as empresas e as pessoas. Assim, é fundamental que as empresas definam o plano estratégico de sustentabilidade e que os estudos técnicos dos projetos fornecidos às instituições financeiras, às entidades competentes e aos investidores evidenciem o cumprimento dos critérios, pilares e requisitos legais ou normativos europeus e nacionais de sustentabilidade.

Nesse sentido, a sustentabilidade da indústria do futuro está grandemente relacionada com o progresso da economia circular, a aposta no desenvolvimento de projetos de Investigação & Desenvolvimento e Inovação (I&Di) e a implementação de um conjunto diversificado de serviços, que permitem apoiar as organizações na implementação das várias estratégias e modelos de economia circular, particularmente focados na produção e utilização *smart*.

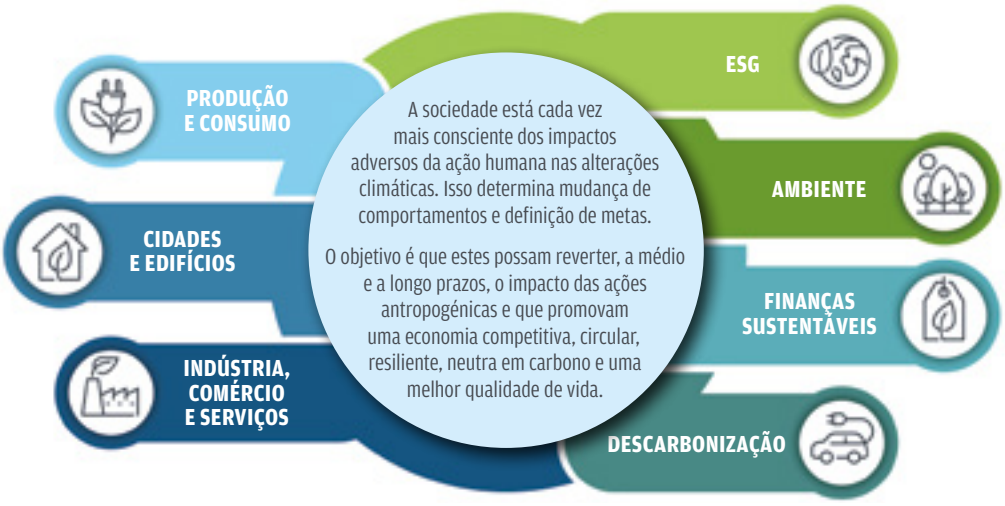
Numa altura em que grandes projetos estão em fase de desenvolvimento, quer associados ao PRR (Plano de Recuperação e Resiliência) quer a outro tipo de financiamentos, é importante identificar as grandes condicionantes. Por constrangimentos legais e administrativos, por incompatibilidade com a gestão territorial, de perímetros urbanos, da biodiversidade, do património arqueológico, dos recursos hídricos e paisagísticos, os projetos podem ser inviabilizados.

Assim, para garantir o sucesso dos processos de legalização dos projetos, é fundamental a identificação dos roteiros para obtenção de autorizações e licenças, do apoio nos processos de licenciamentos municipal, industrial e ambiental e a realização de estudos técnicos nos regimes ambientais.

TRANSAÇÕES IMOBILIÁRIAS

Estes temas ganharam tal relevância que o interesse de investidores internacionais trouxe para a ribalta a realização de *due diligence* ambiental e de ESG nos processos de transações imobiliárias (*private equity*) e na caracterização do passivo ambiental.
Neste âmbito, referimos o caso da avaliação da contaminação dos solos e das águas subterrâneas, bem como da realização de diagnósticos de circularidade dos processos (economia circular). Isto acontece porque estes investidores são sensíveis aos objetivos de desenvolvimento sustentável.

Além disso, muitos destes projetos necessitam de financiamento, carecendo de avaliação por entidade externa independente. Só assim é possível fornecer às instituições financeiras e aos investidores a segurança de que os seus fundos estão alinhados com as principais *frameworks* de finanças sustentáveis e vão ao encontro dos objetivos traçados pelos emitentes.



Neste processo são tidos como referenciais os princípios e guias da International Capital Market Association (ICMA), da Loan Market Association (LMA) e os *Environmental, Social and Governance Principles* (ESG).

SMART CITIES

As considerações ambientais, sociais e de governação são também incorporadas nos processos de tomada de decisão na realização de investimentos, no setor financeiro. Neste caso, ganham destaque as finanças sustentáveis que têm como objetivo apoiar o crescimento económico, reduzindo simultaneamente as pressões sobre o ambiente, através do cumprimento de políticas e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS).

Além disso, nos últimos anos, a sociedade tem valorizado, de forma mais significativa, a sustentabilidade nas suas cidades e nos seus edifícios. Referimo-nos às *smart cities*, que abrangem mais do que a mobilidade, as plataformas digitais ou a sustentabilidade. O objetivo fundamental de uma *smart city* é, na verdade, a incorporação dos 19 indicadores que visam a melhoria dos serviços da cidade e da qualidade de vida dos cidadãos. Os edifícios sustentáveis, o bem-estar e a sustentabilidade são preocupações incorporadas desde a fase de projeto até ao seu final de vida, tendo por base os referenciais (BREEAM, LEED, WELL). ●

CONCEITOS E SIGLAS LIGADOS À SUSTENTABILIDADE E AO AMBIENTE

A crescente consciência dos impactos ambientais e sociais, resultantes das atividades antropogénicas sustentadas pelo rápido crescimento económico, promoveu o surgimento de conceitos e siglas que entraram no léxico de países, populações, empresas, investidores e *stakeholders*. Tome nota:

- DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:
» é um conceito de desenvolvimento que permite assegurar as necessidades da atual geração, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.

- OS 17 OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:
» pretendem que todo o planeta adote práticas sustentáveis como um compromisso global, para o futuro.

- ESG:
» está focado em três categorias "Ambiente", "Sociedade" e "Governação" de um fundo, empresa ou organização e é o principal critério de avaliação para investimentos e financiamentos.

- SUSTENTABILIDADE:
» empresarialmente, trata-se de um ato de equilíbrio para satisfazer as necessidades nos três pilares relevantes para a entidade: ambiental, social e económico. Note-se o facto de ter semelhanças com o termo "ESG" e a sobreposição entre os três pilares da sustentabilidade e as três categorias de ESG.

IMPACTOS DA ATIVIDADE HUMANA

A degradação do planeta Terra e das condições de vida da população mundial, devido ao desenvolvimento e ao crescimento económico, é visível num conjunto de impactos que se fazem sentir ao nível ambiental e social.

IMPACTOS AMBIENTAIS

aquecimento global | **alterações climáticas** | **perda de biodiversidade** | **esgotamento dos recursos naturais** | **degradação dos solos, das massas atmosféricas e da água**

IMPACTOS SOCIAIS

- **pobreza**
- **vulnerabilidade social**
- **más condições de trabalho**
- **desemprego**
- **falta de segurança e saúde no trabalho**
- **desigualdades**
- **volatilidade financeira**

ECONOMIA CIRCULAR E SIMBIOSE INDUSTRIAL

Apostar no conhecimento de novos modelos de negócio circulares

O ISQ TEM CONTRIBUÍDO PARA A TRANSIÇÃO EM DIREÇÃO AO NOVO PARADIGMA DA ECONOMIA CIRCULAR, ATRAVÉS DE SOLUÇÕES QUE VISAM APOIAR A IDENTIFICAÇÃO DE OPORTUNIDADES CIRCULARES E A SUA IMPLEMENTAÇÃO. EXEMPLO DISSO É A SIMBIOSE INDUSTRIAL.

POR

CRISTINA ASCENÇO

MARIA MANUEL FARINHA

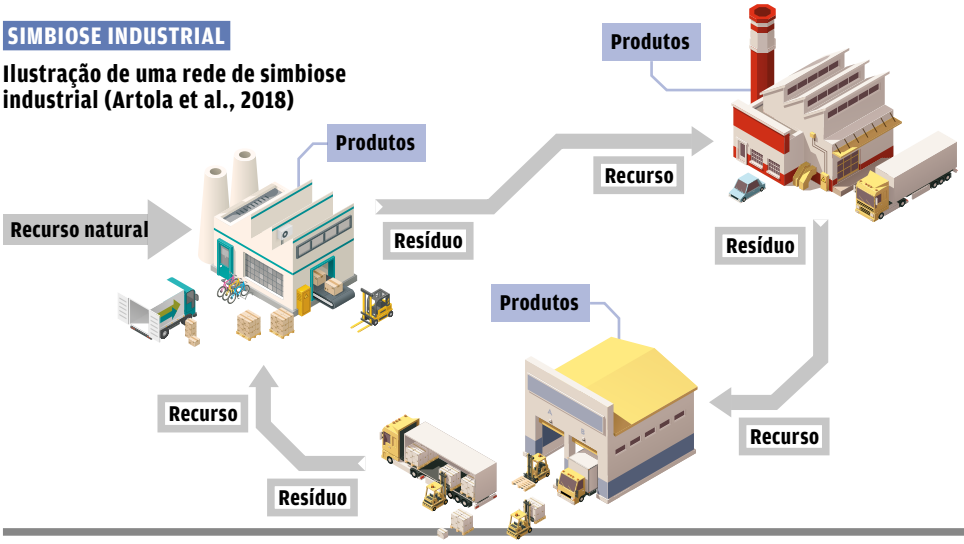
Nos últimos anos, tem sido intensa a discussão pública sobre a necessária transição para o novo paradigma da economia circular, sobre os desafios e potenciais benefícios para as empresas e para a economia da União Europeia. Contudo, paralelamente a esta discussão pública, é fundamental implementar projetos concretos no terreno e também aprender com as iniciativas já em curso. Só assim é possível promover um debate informado, com a consequente criação de políticas e de regulamentação facilitadoras.

O progresso far-se-á, necessariamente, pelo conhecimento e disseminação dos benefícios associados a projetos concretos, por forma a sensibilizar as partes interessadas e gerar *momentum*. Também virá do apoio às empresas, no qual o ISQ tem investido, através da geração de conhecimento e soluções com vista ao apoio na identificação e na implementação de oportunidades circulares.

Há décadas que o ISQ apoia organizações no aumento da eficiência no uso dos recursos, no controlo e na prevenção integrados da poluição. Nos últimos anos, a aposta tem sido alargar a oferta de novos modelos de negócio circulares, com destaque para a simbiose industrial (SI).

SIMBIOSE INDUSTRIAL

Ilustração de uma rede de simbiose industrial (Artola et al., 2018)



O SISTEMA DE SIMBIOSE INDUSTRIAL

A SI constitui uma abordagem sistémica a um sistema industrial integrado e mais sustentável, que identifica oportunidades de negócio baseadas na valorização de recursos subaproveitados — incluindo materiais, energia e água —, mas baseadas também no conhecimento e nas competências, em ativos, entre outros.

Apesar de os movimentos físicos serem o aspeto central da SI, outros fatores, como partilha de conhecimento, experiência, capacidade e logística, são igualmente importantes contributos para a promoção de sinergias entre organizações de diferentes atividades e setores. Com efeito, a transação de um determinado tipo de recurso pode despoletar a colaboração noutras áreas, envolvendo outro tipo de recursos. Desta forma, promove-se a criação de redes colaborativas e uma cultura de ecoinovação, com novos destinos de valor acrescentado para resíduos e subprodutos e processos industriais técnica e economicamente mais eficientes.

A SI pode materializar-se quer no aproveitamento interno de desperdícios pelo próprio produtor (SI interna), quer na troca ou partilha com outras empresas recetoras (SI externa).

WASTEVALUE

Gerir os resíduos e criar valor

NASCIDO DA INVESTIGAÇÃO & DESENVOLVIMENTO, O WASTEVALUE APOIA AS EMPRESAS NAS DECISÕES DE GESTÃO DE RESÍDUOS, PARA A OTIMIZAÇÃO DE CUSTOS E A CIRCULARIDADE DE RECURSOS. TRATA-SE DE UM SERVIÇO INOVADOR QUE PREPARA AS EMPRESAS PARA A NOVA REGULAMENTAÇÃO EUROPEIA.

O caminho para um modelo de negócio mais sustentável e circular passa pela identificação de novas oportunidades no processo produtivo e na gestão dos resíduos aplicáveis à realidade da organização e dos seus resíduos, tendo em vista uma redução efetiva de custos. As empresas precisam de apoio neste domínio e foi nesse sentido que nasceu o WasteValue, uma solução criada pelo ISQ que visa apoiar as decisões de gestão de resíduos, para a otimização de custos e a circularidade de recursos.

Um serviço inovador, focado na simbiose industrial e na poupança de custos na gestão de resíduos das empresas, o WasteValue resulta dos desenvolvimentos e do conhecimento técnico-científico adquirido no ISQ, através da participação em diversos projetos de I&DI nacionais e europeus, na área da economia circular e da simbiose industrial. Entre estes, destacam-se o Mobilizador PRODUTECH SIF (P2020), o Alentejo Circular (P2020), o MAESTRI (H2020) e o SCALER (H2020), os três últimos liderados pelo ISQ.

REGULAMENTAÇÃO EUROPEIA

O WasteValue permite que as organizações se preparem antecipadamente para a nova regulamentação europeia, tendo a vantagem de se apresentar como um serviço de consultoria flexível e modular, constituído por vários níveis de prestação, adaptados às necessidades de cada empresa.

O Nível 0 consiste na avaliação preliminar do estado atual da empresa relativamente à maturidade do seu sistema de gestão de recursos e de resíduos. Além disso, contempla uma análise preliminar do seu potencial para a valorização de recursos e resíduos. Este nível poderá ajudar a empresa a ter uma visão geral sobre o seu estado atual e apoiar a decisão de avançar ou não para os outros níveis de serviço possíveis.

É no Nível I que se realiza, então, o diagnóstico detalhado da empresa, no que respeita aos processos de gestão dos fluxos de materiais e resíduos, assim como as suas práticas ambientais. São também identificados os excedentes prioritários para estudo, tendo em conta o interesse da empresa.

O Nível II incidirá, depois, sobre a caracterização de processos, fluxos e práticas de gestão dos resíduos pré-selecionados, e sobre as ineficiências e potenciais cenários alternativos de valorização dos resíduos.

Tendo por base os resultados do Nível II, e com vista à implementação de ações e cenários pré-identificados, no Nível III, o ISQ dará o apoio técnico-científico à empresa na implementação das medidas selecionadas. Fica também responsável pela elaboração de uma análise de viabilidade técnico-económica detalhada das ações de melhoria pré-identificadas e de cenários alternativos de valorização, simulando, com base em ferramentas de apoio à decisão, os benefícios económicos alcançáveis.

O último nível – Nível IV – consiste na monitorização e avaliação da *performance* da gestão de resíduos. Neste nível, será efetuada a avaliação temporal ao desempenho da empresa, tendo por base as ações implementadas perante o cenário atual praticado. O ISQ fornecerá à empresa os meios para monitorizar e acompanhar a evolução das práticas de gestão, incluindo a definição de indicadores e o relatório periódico.

NÍVEIS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS NO WASTEVALUE

Nível 0
AVALIAÇÃO PRELIMINAR

Nível I
DIAGNÓSTICO DETALHADO

Nível II
CARACTERIZAÇÃO DOS PROCESSOS

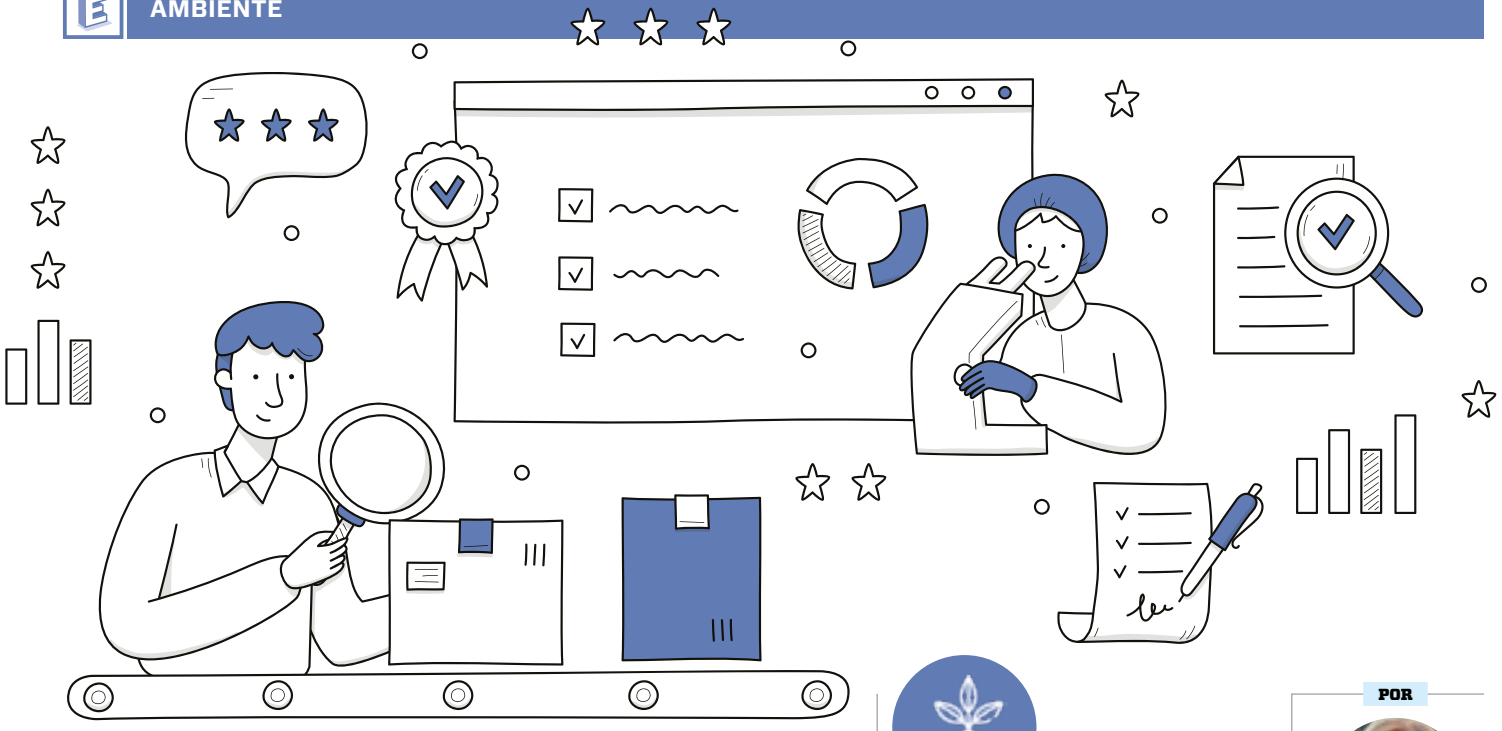
Nível III
APOIO NA IMPLEMENTAÇÃO

Nível IV
MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO

POR

CRISTINA ASCENÇO

MARIA MANUEL FARINHA



QFA

Laboratórios no apoio ao controlo de qualidade

OS CRITÉRIOS DE CONTROLO DE QUALIDADE E OS REQUISITOS LEGAIS E REGULAMENTARES SÃO CADA VEZ MAIS RIGOROSOS EM VÁRIOS SETORES. NESSE ÂMBITO, OS LABORATÓRIOS QFA PRESTAM SERVIÇOS DE CONTROLO DE QUALIDADE INTEGRADOS E COM TECNOLOGIAS INOVADORAS, ATUANDO EM TODAS AS CADEIAS DE VALOR.

Os setores ambiental, agrícola, alimentar e farmacêutico têm verificado um grande avanço científico e tecnológico, utilizando critérios cada vez mais rigorosos de controlo de qualidade e de requisitos legais e regulamentares. Conhecendo esta necessidade, o QFA — uma unidade autónoma operacional do ISQ — dedica-se a prestar serviços laboratoriais de controlo de qualidade para estas áreas. Tem a vantagem de aliar a sua vasta experiência laboratorial com equipas multidisciplinares e meios técnicos altamente especializados, o que permite fornecer um serviço único e adequado às necessidades cada vez mais exigentes destes setores de atividade.

Além disso, o QFA atua em todas as cadeias de valor e presta serviços integrados, com soluções tecnológicas inovadoras, de acordo com os mais rigorosos padrões de qualidade e normas aplicáveis.

OS LABORATÓRIOS DO QFA

O QFA é constituído pelos seguintes laboratórios acreditados, segundo a norma NP EN ISO/IEC 17025:2018:

LABQUI (Laboratório de Química e Ambiente), localizado no Taguspark, em Oeiras, e LALA (Laboratório de Águas do Litoral Alentejano), em Sines. Juntos, estes laboratórios prestam serviços de colheitas e análises físico-químicas e microbiológicas de controlo ambiental (águas residuais, recursos hídricos superficiais e subterrâneos, lamas, resíduos, águas balneares, solos e subprodutos). Além disso, dão apoio à produção na indústria e nos serviços (águas industriais, de consumo humano e piscinas) e ao setor agrícola (solos, foliares, matéria fertilizante e água para rega).

LABIAGRO (Laboratório Químico e Microbiológico) é um organismo especializado na prestação de serviços de análises químicas e microbiológicas para a produção e o controlo de qualidade nos setores agroalimentar e da agroindústria.

QCPHARMA Dedica-se a fornecer serviços de análises à indústria farmacêutica.

A realização de análises laboratoriais é fundamental no controlo de qualidade, sendo um indicador essencial para a tomada de decisão. Estas permitem avaliar o cumprimento dos requisitos legais impostos pelas entidades reguladoras ou pela legislação, implementar medidas de mitigação, corretivas ou preventivas, nas áreas de segurança, qualidade, responsabilidade ambiental e social. Estão, ainda, diretamente associadas ao aumento da competitividade e da produtividade. No caso do setor agrícola, permitem elevar os padrões de qualidade e o reconhecimento num mercado mais global e competitivo. Assim, promovem a sustentabilidade, a preservação do meio ambiente e a saúde.

POR

ANA GOUVEIA

INVESTIMENTO

O caminho das empresas portuguesas no ESG

A MAIORIA DAS EMPRESAS JÁ POSSUI ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE OS CRITÉRIOS DE ESG. PARTINDO DAÍ, BASTA SEGUIR ALGUNS PASSOS DE IMPLEMENTAÇÃO, QUE VÃO DO DIAGNÓSTICO AO REPORTE, CIENTE DE TODAS AS VANTAGENS QUE TÊM PARA O NEGÓCIO.

As pequenas e médias empresas (PME) são muitas vezes referidas como a espinha dorsal da economia portuguesa. Em 2021, 99,9% das empresas portuguesas eram PME e, destas, 99,6% empregavam menos de 50 pessoas.

Foram também estas as empresas que mais sentiram os efeitos da pandemia e que estão a sentir as repercussões da guerra na Ucrânia, com impactos diretos na escassez de recursos humanos qualificados, na fatura energética, bem como em toda a sua cadeia de fornecimento.

Enquanto isso, o mercado financeiro e de capitais foi irremediavelmente conquistado pelos aspetos de ESG (do inglês *Environmental, Social* e *Governance*), fazendo com que os investidores optem por investir em PME onde exista uma efetiva mitigação de riscos de ESG, uma vez que estas terão maior potencial de gerar retorno financeiro.

Por sua vez, de acordo com os atos legislativos da União Europeia (UE), as grandes empresas terão de passar a tomar decisões sobre a sua cadeia de valor — maioritariamente constituída pelas referidas PME — com base em critérios de ESG. Mas, se por um lado, deparamo-nos com falta de informação e de dados de ESG relativos a estas PME, por outro lado, há boas notícias: primeiro, a maioria das empresas já possui alguma informação nestes âmbitos; segundo, não é difícil obter a informação primária sobre ESG.

POR

ANA RITA FARINHA

PASSOS DE IMPLEMENTAÇÃO

O primeiro passo deve ser, então, o diagnóstico de ESG da empresa. A recolha e a análise do máximo de dados ambientais, sociais e de governação permitirão pôr em prática um plano estratégico com objetivos bem definidos que serão monitorizados, através dos respetivos KPI.

Como nem todos os indicadores têm a mesma relevância para a atividade da empresa, importa, então, realizar uma análise de materialidade e definir ações concretas sobre os que se apurarem materiais.

Segue-se, depois, a estruturação de estratégias ou políticas que encabecem o compromisso da empresa com a sustentabilidade e, em seguida, esta ficará apta a fazer o caminho da mudança.

A sistematização de um plano de monitorização permitirá implementar, de forma dinâmica, estratégias para reduzir os impactos ambientais e custos associados, assegurar o bem-estar dos colaboradores, através da implementação de uma cultura orientada para as pessoas, que reduzirá a taxa de rotatividade e também captará e reterá o talento necessário ao crescimento.

Por fim, uma estrutura de governação com foco na gestão de risco, com mecanismos de controlo e sistemas de *compliance*, entre outros, tem vantagens para o negócio, pois atrairá não só investidores, mas também clientes e parceiros.

Seguidos estes passos, resta acompanhar o progresso da empresa com a ajuda de alguns dos principais *frameworks* e métricas de ESG. Existe um vasto leque de opções disponíveis, mas é importante reter que o reporte de ESG não deve ser um fim em si mesmo, apenas um relato do trabalho feito. ●

COMO PODE O ISQ AJUDAR?

No processo de implementação, são várias as etapas em que o ISQ pode colaborar com as empresas.

O ISQ pode ajudar em todo o processo, desde o diagnóstico inicial até ao reporte de ESG da empresa. Pode ainda colaborar apenas em etapas específicas, que permitam às empresas organizar-se para este desafio. Os serviços do ISQ podem incluir, por exemplo, a elaboração de *roadmaps* detalhados, o apoio na seleção do melhor *framework* para a empresa, ou a assessoria para a elaboração e/ou o acompanhamento da implementação de estratégias, políticas e procedimentos de ESG.

ESTRATÉGIA

Comunicar por propósito e não por moda

OS CRITÉRIOS DE ESG IMPULSIONAM A REPUTAÇÃO CORPORATIVA E, COMO TAL, PARA QUE AS BOAS PRÁTICAS SEJAM EVIDENTES E CLARAS, É IMPERATIVO QUE TODA E QUALQUER ORGANIZAÇÃO TENHA UMA POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO ATIVA.

Mais de 2.000 estudos académicos já investigaram o impacto do ESG (*Environmental, Social and Governance*) no retorno sobre o capital das empresas, nomeadamente na sua reputação, e concluiu-se que é um impulsionador atual e futuro da reputação corporativa.

Assim se percebe como, em menos de 20 anos, o movimento de ESG cresceu de uma iniciativa de responsabilidade social corporativa lançada pelas Nações Unidas para um fenómeno global, que representa vários milhões de euros. Quer se trate de mudanças regulamentares, maior compreensão da crise climática, pressão dos clientes, necessidades de recrutamento ou perguntas dos investidores, este tema está cada vez mais em cima da mesa das empresas e, como tal, dos profissionais de comunicação.

Importa, antes de mais, perceber que o termo "ESG" é um guarda-chuva para diversos indicadores de desempenho relacionados com ética empresarial, tais como a gestão da pegada de carbono e a garantia de esforços ativos de contribuição para um mundo melhor. Além disso, ainda que o termo não seja tão popular para o grande público, na prática impulsiona os sentimentos dos consumidores, cada vez mais atentos e preocupados com o meio-ambiente, a saúde, a segurança e a justiça social.

Ou seja, avaliar o ESG é fazer uma abordagem que tem em conta até que ponto uma organização trabalha em função de objetivos, que vão além da maximização dos seus lucros. Normalmente, os objetivos sociais defendidos dentro de uma perspetiva de ESG incluem uma gestão interna consistente com as metas da diversidade, da equidade e da inclusão; empenho para atingir um determinado conjunto de objetivos ambientais; e apoio a determinados movimentos sociais.

IMPORTÂNCIA DO TEMA:

Veja-se o caso da "ameaça" do CEO da IKEA Foundation, Per Heggenes, à CNBC, feita durante a recente COP26, referindo que grandes empresas que não aceitam metas climáticas "devem ser discriminadas". Quando se trata de ESG – e da sua repercussão na reputação – é preciso estar atento.

O PAPEL DO COMUNICADOR NA AGENDA DE ESG

Para que estas boas práticas sejam evidentes e claras, é imperativo que toda e qualquer organização tenha uma política de comunicação ativa, séria, adequada a todos os públicos e meios estratégicos, atempada, estruturada e completa (com suporte nos instrumentos tradicionais e digitais).

O comunicador deve ser um agente catalisador da agenda de ESG corporativa, gerar consciência e adesão às práticas. Além disso, deve garantir que as informações sobre o tema são didáticas, esclarecedoras e entendidas pelos diversos *stakeholders* da empresa. É preciso não esquecer, ainda, que uma boa estratégia de comunicação deverá englobar vários formatos, adequados a todos os públicos da organização, sejam internos, externos, na mesma área geográfica, ou não.

Quando comunicamos as nossas melhores práticas num âmbito de ESG, é essencial também apresentar evidências e casos concretos. Não nos devemos cingir ao "parecer ser", é mesmo fundamental "ser". A comunicação de cada projeto tem de surgir atempadamente, com indicadores sustentados e práticas validadas.

É certo que ainda há um caminho a percorrer neste sentido, mas, com dados consolidados, comunicação positiva e uma estratégia definida, comunicar é possível e trará boa reputação e notoriedade às organizações.

Environmental, Social and Governance

CRIA VALOR E AJUDA ...

- A EXPLORAR NOVOS MERCADOS (CONFIANÇA DAS AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS)
- A REDUZIR CUSTOS
- A RETER FUNCIONÁRIOS QUALIFICADOS
- A ALOCAR CAPITAL PARA OPORTUNIDADES MAIS SUSTENTÁVEIS
- A GARANTIR O SUCESSO COMPETITIVO A LONGO PRAZO, NOS RESULTADOS FINANCEIROS E NA PERCEÇÃO DE MARCA
- A IMPULSIONAR A REPUTAÇÃO CORPORATIVA ATUAL E FUTURA

POR

CARLA GUEDES

AS MUDANÇAS DE PARADIGMA DEVEM SER EMPREENDIDAS DE MODO A NÃO CONTRIBUÍREM PARA O AGRAVAMENTO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS.

Pedro Ávila
OPERATIONAL SUSTAINABILITY DIRECTOR NA REN

REN

Meta climática de zero emissões líquidas até 2040

COM A MISSÃO DE ASSEGURAR O FORNECIMENTO ININTERRUPTO DE ENERGIA A TODO O PAÍS, A REN ASSUMIU COMPROMISSOS NO ÂMBITO DA DESCARBONIZAÇÃO, O FINANCIAMENTO ATRAVÉS DE *GREEN BONDS* E O DESENVOLVIMENTO DAS INFRAESTRUTURAS COM RIGOROSOS CRITÉRIOS DE BIODIVERSIDADE.

A sustentabilidade, nas suas três dimensões – E (*Environmental*), S (*Social*) e G (*Governance*) – tem estado no centro das políticas públicas e na definição da estratégia das empresas. Como tal, deixou de ser uma opção de gestão e constitui-se, hoje, como um imperativo, marcando de forma muito acutilante as preocupações da sociedade civil, nomeadamente a propensão que as novas gerações têm para consumir com propósito e os desafios cada vez maiores que as presentes e futuras gerações terão de enfrentar. Por outro lado, o ritmo da transição e as mudanças de paradigma de desenvolvimento deverão ser empreendidos de modo a não contribuir para o agravamento das desigualdades sociais.

Eventos como a Cimeira do Clima das Nações Unidas têm cada vez maior impacto mediático, assim como o posicionamento da Europa enquanto líder no processo de adaptação às alterações climáticas, no desenvolvimento e na implementação de progressivos "pacotes" regulamentares e legislativos da Comissão Europeia (ex: *Fit for 55*, Lei Europeia do Clima, *Repower EU*, *Nature Restauration Law*).

Por outro lado, o setor energético enfrenta desafios sem precedentes na contribuição para o combate às alterações climáticas, materializados na necessidade de descarbonização, resiliência, segurança de abastecimento e financiamento sustentável. Todos estes são fatores necessários a uma transição célere, no sentido de, entre outros, incrementar a produção de gases renováveis (nomeadamente, o hidrogénio verde e o biometano), a contínua redução das emissões de metano e a eletrificação da economia, a partir de fontes de energia renovável.

Na REN, somos facilitadores da transição energética. A adequação das infraestruturas de gás e eletricidade, de forma integrada e sinérgica, é crítica para o cumprimento das metas nacionais de política energética. Temos a missão de assegurar o fornecimento ininterrupto de energia a todo o país, contribuindo para o envolvimento e o desenvolvimento das comunidades em que estamos inseridos, tanto a nível social como ambiental, e para a melhoria da qualidade de vida. Esta é uma tarefa que implica um esforço contínuo e dedicado, no exercício de uma cidadania corporativa ativa, que pretendemos exercer de forma cada vez mais inovadora e norteada por princípios de sustentabilidade.

Como exemplo do referido, assumimos compromissos no âmbito da descarbonização, como a redução das emissões de âmbito 1 e 2 em 50% até 2030 e a neutralidade carbónica até 2040. Além disso, preconizamos o financiamento através de *Green Bonds*, mas também o desenvolvimento das infraestruturas com rigorosos critérios de biodiversidade, implementando ações para o restauro de áreas e ecossistemas, nomeadamente nas florestas.

Acreditamos que uma meta positiva para a natureza complementa a meta climática de zero emissões líquidas até 2040.

"O SETOR ENERGÉTICO ENFRENTA DESAFIOS SEM PRECEDENTES NA CONTRIBUIÇÃO PARA O COMBATE ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS."

SUSTENTABILIDADE DAS CIDADES

A transformação global requer ação local

AS CIDADES PRODUZEM GRANDE PARTE DA RIQUEZA DO MUNDO, MAS SÃO OS LOCAIS ONDE SE VERIFICAM OS MAIORES PROBLEMAS AMBIENTAIS E DE EXCLUSÃO SOCIAL. PARA REFORÇAR A SUSTENTABILIDADE DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO URBANO, O ISQ DISPÕE DE VÁRIOS SERVIÇOS DE APOIO À TRANSIÇÃO.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), mais de 54% da população mundial vive atualmente em áreas urbanas, prevendo-se ainda que a população urbana venha a duplicar até 2050.

Grande parte da riqueza do mundo está nas cidades. Além de terem um potencial maior para a dinamização do emprego, da competitividade e da inovação, apresentam também os melhores indicadores de alfabetização, acesso a cuidados de saúde e mortalidade infantil. Contudo, são também os locais onde se verificam os maiores problemas ambientais e de exclusão social, devido à escassez de recursos associada à escala e à velocidade de crescimento e migração.

É cada vez mais percetível que os recursos atuais não serão suficientes para este crescimento. Só conseguiremos continuar a evoluir se repensarmos as cidades para serem nossas parceiras na sustentabilidade.

As cidades consomem dois terços da energia gerada a nível global, são responsáveis por mais de 70% das emissões mundiais de dióxido de carbono (CO_2) e 90% de todas as áreas urbanas localizam-se junto à costa, colocando-as em risco maior de cheias. São, em boa parte, causa do aquecimento global e serão as primeiras a sentir os seus efeitos.

Os maiores desafios das cidades são a resiliência e a sustentabilidade. É, portanto, urgente reforçar a sustentabilidade do modelo de desenvolvimento urbano, potenciando a base de recursos endógenos, promovendo a eficiência dos seus subsistemas (energia, mobilidade, água e resíduos) e melhorando a capacidade de resposta aos riscos e aos impactos, especialmente àqueles relacionados com as alterações climáticas.

UMA REVOLUÇÃO URBANA PARA GARANTIR O FUTURO

Para enfrentar todos estes desafios é necessária uma verdadeira revolução urbana. Só será possível vivermos em cidades livres de poluição até 2050 se reduzirmos a pegada ambiental e se as cidades se tornarem mais autónomas, inteligentes, inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis, como preconiza o 11.º objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

O ISQ pode apoiar esta transição nas suas várias fases, interligando a experiência, o conhecimento e os serviços em diversas áreas, como, por exemplo, no âmbito do *Design* e da Gestão de Projetos em cidades, integrando a Mobilidade Sustentável.

Um dos primeiros passos em que o ISQ pode apoiar esta revolução urbana é através de um serviço especializado, que permite uma abordagem holística e integrada ao desenvolvimento sustentável e à resiliência, processo que já está a desenvolver com alguns municípios.

O serviço consiste em realizar um diagnóstico inicial e uma avaliação do desempenho da cidade ao abrigo da Norma NP ISO 37120 (Desenvolvimento Sustentável e Indicadores para os Serviços Urbanos e Qualidade de Vida). Mediante indicadores de diversos domínios, é possível ter uma abordagem uniforme ao que é medido e à forma como essa medição é realizada.

Esta análise permite que as cidades e comunidades tenham uma visão abrangente do seu desempenho e orientem o seu desenvolvimento, com um planeamento estratégico mais eficaz. Além disso, permite também um suporte da tomada de decisão para a implementação de políticas públicas e para a definição de prioridades, com a possibilidade de partilha das melhores práticas implementadas, integrada numa política de transparência aos cidadãos.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O ISQ ESTÁ A ASSESSORAR AS CIDADES E REGIÕES, SEGUINDO DOIS DOS OBJETIVOS DEFINIDOS PELAS NAÇÕES UNIDAS.

Tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.

Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos.

POR

ANABELA BENTO

O ISQ está comprometido com esta mudança, e já participa em projetos que aliam a responsabilidade social e a sustentabilidade nas cidades. Temos o dever de criar, em conjunto, novas urbes, densas, multifuncionais, produtoras e facilitadoras, onde possamos encontrar trabalho, entretenimento e habitação.

Em 2050, a qualidade de vida passará pela presença de espaços públicos aos quais poderemos aceder a pé ou de bicicleta, onde redescubramos o prazer de passear e de viver sem pressa (as chamadas cidades dos 15 minutos). Há que repensar as cidades para que sejam locais de felicidade e bem-estar. É essencial criar infraestruturas "mais humanas", para que se viva em locais mais criativos e felizes, que não criem desespero, não gerem violência nem potenciem problemas de saúde mental. Pode parecer mais caro investir em cidades melhor construídas, com espaços de lazer e cultura, mas não o é a longo prazo.

DOMÍNIOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NAS CIDADES

- Economia
- Educação
- Energia
- Ambiente
- Finanças
- Resposta a incêndios e a emergências
- Governança
- Saúde
- Recreio
- Segurança
- Alojamento
- Resíduos
- Telecomunicações e inovação
- Transportes
- Planeamento urbano
- Águas residuais
- Água e saneamento

ADAPTAÇÃO E MITIGAÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Para que as cidades possam protagonizar a luta contra a mudança climática, a solução caracteriza-se, essencialmente, por descarbonizar a economia urbana. Isso passa por utilizar muito mais as energias renováveis e sistemas energéticos mais eficientes, nas infraestruturas e residências, bem como recorrer a redes de energia inteligentes e racionalizar a mobilidade.

Sabendo que esta batalha se trava a nível local, o ISQ está também comprometido em assessorar as cidades e regiões com estas soluções nos seus planos de adaptação às alterações climáticas, de acordo com o 13.º objetivo de desenvolvimento sustentável. O ISQ apoia e dá consultoria na avaliação de potenciais riscos e vulnerabilidades às alterações climáticas, nas medidas de mitigação e adaptação e nos planos de ação, com respetiva gestão e monitorização.

ISQ NO APOIO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS CIDADES

O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NOS PROCESSOS DE DECISÃO VAI DA ABORDAGEM ESTRATÉGICA À MEDIÇÃO DOS RESULTADOS.

PROGRAMA INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PARA OS MUNICÍPIOS

O ISQ desenvolve um programa flexível e ajustado à administração local com um conjunto de benefícios.

- Contribui para tornar o município mais resiliente e sustentável.
- Promove um planeamento estratégico mais eficaz, envolvendo todos os *stakeholders*, através da medição da gestão de desempenho e da transparência das decisões junto dos munícipes.
- Aumenta a sustentabilidade, a inteligência e a resiliência de estratégias, programas, projetos, planos e serviços realizados no domínio territorial.
- Utiliza indicadores reconhecidos para medir a gestão de desempenho de serviços urbanos e da qualidade de vida, no território municipal.
- Sustenta a tomada de decisão para o desenvolvimento de políticas públicas e a definição de prioridades, na área da sustentabilidade.
- Promove o reconhecimento e a captação de investimento para a região.

AÇÃO NAS CIDADES, NAS COMUNIDADES E NOS MUNICÍPIOS

A concretização do Desenvolvimento Sustentável depende, entre outros níveis da gestão pública, da administração local assegurada pelos Municípios.

A integração do desenvolvimento sustentável nos processos de decisão e ação a nível municipal é um processo desafiante, que se estende desde a abordagem estratégica a seguir até aos mecanismos de implementação e medição de gestão do desempenho.

A adoção de normas internacionais como modelos para a construção de um sistema de gestão, que assegura a articulação e a orientação das ações de promoção do desenvolvimento sustentável, tem tido um grande crescimento e um elevado reconhecimento global.

Para o efeito, o ISQ apresenta um Programa Integrado de Desenvolvimento Sustentável, flexível e ajustável às necessidades da administração local.

OS EDIFÍCIOS VERDES OU SUSTENTÁVEIS ASSEGURAM A QUALIDADE DE VIDA DOS SEUS UTILIZADORES, MINIMIZANDO OS IMPACTES AMBIENTAIS E SOCIAIS.

EDIFÍCIOS SUSTENTÁVEIS

Sistemas de certificação garantem edifícios verdes

OS EDIFÍCIOS SÃO ESSENCIAIS PARA O BEM-ESTAR E PARA A SAÚDE PÚBLICA, MAS TÊM TAMBÉM UM GRANDE IMPACTE AMBIENTAL. PARA GARANTIR A SUA SUSTENTABILIDADE, EXISTEM VÁRIOS SISTEMAS DE CERTIFICAÇÃO, OS QUAIS O ISQ ESTÁ APTO A APLICAR.

Os edifícios são a pedra angular da estrutura das cidades. São estes elementos que ligam as pessoas às infraestruturas de habitação, como a água e o saneamento, e que proporcionam o espaço físico para as interações sociais. Com uma grande responsabilidade sobre o bem-estar e a saúde pública, os edifícios são também responsáveis por consumos energéticos elevados, pela emissão de gases de efeito estufa (GEE), pela geração de resíduos e pelo uso de recursos naturais, entre outros.

Os edifícios verdes ou sustentáveis surgiram para assegurar a qualidade de vida dos seus utilizadores, minimizando os impactes ambientais e sociais existentes ao longo de todo o ciclo de vida do edifício.

Existem vários sistemas de certificação de edifícios sustentáveis, por exemplo o LEED (*Leadership in Energy and Environmental Design*), o BREEAM (*Building Research Establishment Environmental Assessment Methodology*) e o WELL.

Fundado em 1990, no Reino Unido, o BREEAM é o sistema mais antigo e mede a sustentabilidade dos edifícios de acordo com 10 categorias de créditos: gestão; saúde e bem-estar; energia; transporte; água; materiais; resíduos; uso do solo e ecologia; poluição e inovação.

O LEED tem origem na americana US Green Building Council (US-GBC) e inclui um conjunto de 5 critérios, aos quais são atribuídos pontos. São estes: sítios sustentáveis; eficiência hídrica; energia e atmosfera; materiais e recursos e qualidade do ar interior.

Por sua vez, a certificação WELL foi a primeira focada exclusivamente na saúde e no bem-estar humano num ambiente construído, abordando sete conceitos relacionados com: o ar; a água; o alimento; a iluminação; o *fitness*; o conforto e a mente. O sistema é gerido pelo International WELL Building Institute e, uma vez que é também certificado pelo US-GBC, é considerado complementar ao LEED.

O ISQ apoia na verificação do cumprimento dos requisitos do referencial mais adequado, tendo em conta os objetivos das empresas, sejam estes mais focados em minimizar o impacte ambiental do projeto, melhorar a qualidade de vida dos seus ocupantes ou ter em conta os aspetos gerais económicos e sociais, durante o ciclo de vida do edifício.

POR

PAULA LOPES

LEED *VERSUS* BREEAM

Embora semelhantes, os sistemas de certificação LEED e BREEAM apresentam algumas diferenças baseadas, sobretudo, no processo em si.

LEED	BREEAM
É a equipa de projeto do edifício (sendo ou não profissionais acreditados) que recolhe os dados, remetendo-os ao US-GBC.	Recorre a assessores acreditados para analisar as evidências relativas aos critérios de crédito, remetendo-as para o BRE.
Baseia os seus limiares de desempenho em percentagens.	Baseia os seus limiares de desempenho em critérios quantitativos.
Sistema menos flexível.	Sistema mais flexível, sendo a aplicação de requisitos proporcional ao nível de certificação do edifício.
Está mais presente nos EUA e no resto do mundo.	É mais utilizado no Reino Unido e na Europa.

MAPEAMENTO DE ESTRUTURAS E EDIFÍCIOS

Levantamento 3D para a vital gestão dos recursos

O NOVO PARADIGMA CENTRADO NA EXTENSÃO DA VIDA ÚTIL DAS INFRAESTRUTURAS PASSA NECESSARIAMENTE PELA IMPLEMENTAÇÃO DE SISTEMAS DE MANUTENÇÃO CORRETIVA E PREVENTIVA. PARA ISSO, É NECESSÁRIO O MAPEAMENTO TRIDIMENSIONAL DO EDIFICADO, VITAL PARA A GESTÃO DOS RECURSOS E PARA O QUAL O ISQ DISPÕE DE UMA FERRAMENTA.

O mapeamento de estruturas e edifícios assume particular importância atualmente na gestão do património, considerando a temática da sustentabilidade e da otimização de recursos.

As entidades que possuem a seu cargo parques empresariais, grandes estruturas edificadas ou vastos conjuntos de património imobiliário estão cada vez mais sensibilizadas para a necessidade de uma mudança de paradigma. Esta deve estar centrada na extensão da vida útil das suas infraestruturas, que passa, necessariamente, pela implementação de sistemas de manutenção corretiva e preventiva.

Considerando que uma boa parte do património edificado existente não está representado em modelos tridimensionais, apenas nos formatos 2D, frequentemente através de peças desenhadas desatualizadas, torna-se vital o seu mapeamento.

Através do modelo 3D de uma infraestrutura é possível associar um conjunto de informações vitais à gestão do recurso, tais como: fichas técnicas de materiais aplicados, manuais de utilização e manutenção dos equipamentos existentes, histórico de intervenções de alteração ou reabilitação realizadas, consumos energéticos, agregando um conjunto de informações para análise.

O mapeamento de edifícios e estruturas existentes torna-se, assim, uma ferramenta essencial, que vai catalisar esta mudança de princípios de atuação na gestão do património.

MODELO 3D CRIADO PELO ISQ

O ISQ dispõe de uma ferramenta que permite a criação de um modelo 3D de qualquer infraestrutura, com rigor na ordem dos centímetros, feito de forma expedita e ao qual é possível associar qualquer tipo de observações, gravações de áudio, vídeo, fotografias e documentos. Permite ainda, com recurso a peças desenhadas existentes, fazer uma cobertura fotográfica integral da estrutura para efeitos de registo. Nestes casos, os objetivos podem ser os mais diversos, desde a criação de um registo que reflita o estado zero da estrutura, à localização e cadastro de equipamentos existentes.

Consoante as dimensões do objeto de mapeamento, pode ainda recorrer-se a equipamentos de voo não tripulados que façam esse levantamento em três dimensões, permitindo cobrir grandes áreas de registos, num intervalo de tempo reduzido.

Em ambiente industrial, é frequente a ocorrência de diversas alterações nas infraestruturas, no decorrer do seu período de vida útil, que dificultam a tomada de decisão relativa a novos investimentos. Neste âmbito, o levantamento 3D garante uma visualização dos espaços, de forma acessível, a toda a equipa envolvida, mesmo aos elementos de cariz menos técnico que, por vezes, têm mais dificuldade em visualizar os espaços.

POR

RODRIGO CUNHA

JOÃO SANTOS

GREEN BONDS

Mercado de dívida responde a critérios ESG

O ISQ É A PRIMEIRA ENTIDADE NACIONAL A PRESTAR O SERVIÇO DE *SECOND PARTY OPINION* PARA INSTRUMENTOS DE DÍVIDA SUSTENTÁVEIS, GARANTINDO QUE É POSSÍVEL INVESTIR CAPITAL EM PRODUTOS FINANCEIROS QUE, ALÉM DO CUPÃO, TÊM O RETORNO DE AJUDAR A SALVAR O PLANETA E AS PRÓXIMAS GERAÇÕES.

As *Green Bonds* ou obrigações verdes, bem como as *Sustainability-Linked Bonds* têm ocupado as preferências dos emitentes e dos bancos colocadores, evidenciando a importância que os critérios de ESG (*Environmental, Social and Governance*) ganharam no mercado de dívida.

Todas estas tipologias de obrigações constituem instrumentos representativos de dívida pública ou empresarial que, à semelhança das obrigações clássicas, conferem ao seu titular um direito de crédito relativamente à entidade que as emite. Enquanto *second party opinion*, o ISQ vai atuar como consultor no terreno.

A particularidade deste tipo de financiamentos, em comparação com os comuns ou as obrigações clássicas, reside no facto de o capital subscrito pelos investidores ter de ser aplicado pelo emitente nos fatores de ESG.

Desta forma, compromete-se o emitente a utilizar o capital obtido em projetos ou ativos relacionados com o desenvolvimento sustentável, podendo ter diferentes singularidades nos fatores-chave de ESG, quer sejam ambientais, sociais ou de governo das sociedades.

Atendendo à promoção da transparência e da credibilidade no processo de emissão destes instrumentos, algumas entidades têm vindo a estabelecer padrões comuns, como por exemplo os *Green Bond Principles* (GBP) ou os *Sustainability-Linked Bond Principles*, adotados por associações de entidades financeiras. Entre estas, destacam-se a International Capital Market Association (ICMA), a Loan Market Association e a União Europeia como pioneiras no desenvolvimento contínuo destas orientações.

ISQ ENQUANTO CONSULTOR

"Em resposta a esta necessidade do mercado, o ISQ – enquanto maior Centro de *Interface* Tecnológico de Portugal em serviços de Engenharia, Consultoria, Inspeção, Ensaios, I&D e Inovação – apresenta-se como *second party opinion*, fornecendo tanto

O ISQ COMPROMETE-SE A ORIENTAR OS INVESTIDORES, DURANTE TODO O CICLO DOS SEUS PROJETOS, COM FOCO NOS CRITÉRIOS DE ESG.

às instituições financeiras como aos investidores a confiança e a credibilidade de que os seus fundos estão alinhados com as principais *frameworks* das finanças sustentáveis e com os seus próprios objetivos", explica João Safara, Administrador do ISQ.

Numa metodologia que contempla todos os Princípios *Green* e tendo em linha de conta o cumprimento das políticas e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) e de responsabilidade ambiental, social e de governança corporativa (ESG), "o ISQ compromete-se a orientar os investidores, durante todo o ciclo dos seus projetos, com foco nos critérios de ESG, ajudando-os a tomarem decisões conscientes e a não caírem em facilitismos que mais tarde possam vir a ser considerados ações de *green* ou *social washing*", salienta João Safara.

POR

CARLA GUEDES

ALTERNATIVAS DE INVESTIMENTO

O sucesso e a popularidade das *Green Bonds* evidenciam que, atualmente, é possível investir capital em produtos financeiros (geralmente com *rating* de qualidade e de baixo risco) em que o retorno não será apenas o cupão associado da emissão obrigacionista. Mais do que isso, são preponderantes os impactes positivos no planeta a longo prazo, na medida que estão fundamentalmente associados a financiamentos que asseguram o cumprimento das metas da neutralidade carbónica.

No fim do dia, o investidor considera que investiu numa boa taxa de juro, mas também é retribuído com um prémio "moral", por estar a ajudar a salvar o planeta e as próximas gerações.

Adicionalmente, em alguns países, como forma de potenciar a transição energética e climática, são oferecidos benefícios fiscais para os emitentes e/ou para os subscritores das *Green Bonds*. Isso origina, por vezes, uma vantagem no *pricing* comparado com as obrigações tradicionais, o que também ajuda na popularidade das mesmas. Contudo, em Portugal ainda não existem benefícios fiscais associados às *Green Bonds*.

Quanto a mais-valias relativamente a rentabilidade, estudos apontam que os emitentes de *Green Bonds* que sejam sociedades abertas cotadas registam subidas nos valores das suas ações nos dias após o sucesso da emissão. Os investidores acionistas percebem que um emitente, ao fazer essa emissão "verde", está disposto a mudar os seus comportamentos e estratégias de curto para médio/longo prazo e não tem constrangimentos com o facto de o seu investimento ser certificado por uma terceira parte, o que impulsiona um aumento do valor da ação.

PRINCÍPIOS *GREEN*

Duas entidades definiram princípios a seguir em matéria de *Green Bonds*:

International Capital Market Association (ICMA):

- *GREEN BOND PRINCIPLES* (GBP)
- *SOCIAL BONDS* (SBP)
- *SUSTAINABILITY BOND GUIDELINES* (SBG)
- *CLIMATE BONDS STANDARD* (CBS)

Loan Market Association (LMA):

- *GREEN LOAN PRINCIPLES* (GLP)

A *DUE DILIGENCE* DE ESG DÁ UMA VISÃO COMPLETA DE TODOS OS RISCOS E DE TODAS AS OPORTUNIDADES PARA DETERMINAR OS TERMOS CERTOS DE UM NEGÓCIO.

AUDITORIA

Avaliar as barreiras ambientais e os critérios de ESG em prol dos negócios

PARA DETERMINAR OS TERMOS CERTOS DE UM NEGÓCIO, ALÉM DA TRADICIONAL *DUE DILIGENCE* AMBIENTAL, É NECESSÁRIO AVALIAR OS SINAIS DE ALERTA DE ESG (*ENVIRONMENT*, *SOCIAL* E *GOVERNANCE*) PARA TER UMA VISÃO COMPLETA DE TODOS OS RISCOS E OPORTUNIDADES ASSOCIADOS.

Analisar uma oportunidade de negócio implica necessariamente escrutinar todos os riscos potencialmente envolvidos na respetiva transação. O aumento das exigências legais, na área do ambiente, juntamente com o crescente mediatismo em torno das preocupações ambientais, tem feito com que estes temas sejam acautelados pelos investidores na fase de *due diligence* (DD).

A *due diligence* ambiental (DDA) consiste numa auditoria ou numa investigação realizada previamente a processos de fusão, aquisição ou incorporação de empresas ou propriedades. Tem como objetivo investigar a conformidade com a legislação ambiental ou a existência de passivos ambientais que possam desvalorizar o seu valor de mercado, garantindo que todos os ativos e passivos possam ser avaliados e contabilizados previamente à transação.

Todavia, nos dias de hoje, essa informação já não é suficiente. No atual mercado de fusões e aquisições, os investidores querem assegurar-se de que, além das barreiras ambientais associadas, por exemplo, a solos e águas contaminadas, não existem outros sinais de alerta de ESG (*Environment*, *Social* e *Governance*). Tal é o caso, por exemplo, das emissões de GEE, do trabalho infantil, da relação com a comunidade, do suborno e da corrupção, os quais trazem riscos complexos e dispendiosos.

> A *DUE DILIGENCE* AMBIENTAL GARANTE QUE OS ATIVOS E OS PASSIVOS SÃO AVALIADOS E CONTABILIZADOS ANTES DE UMA TRANSAÇÃO.

Portanto, não é surpresa que, além da tradicional DDA, a DD ESG seja agora também uma componente fundamental do processo de negociação, proporcionando uma visão completa de todos os riscos e de todas as oportunidades relevantes para determinar os termos certos para um negócio.

SERVIÇOS *DUE DILIGENCE* ISQ

O ISQ presta serviços de consultoria nos vários domínios da *due diligence*, incluindo a avaliação da conformidade legal e a caracterização do estado de contaminação de solos e águas, para a identificação de eventuais passivos ambientais.

Como suporte a esta atividade, o ISQ dispõe de um laboratório que realiza a recolha de amostras em campo e a caracterização físico-química de um largo espectro de poluentes em solos e águas contaminados.

O ISQ avalia também o cumprimento das obrigações regulamentares nacionais e internacionais relativas aos vários tópicos de ESG, realiza estudos abrangentes dos riscos materiais, das responsabilidades e oportunidades de ESG, o estudo comparativo das políticas, dos procedimentos e do desempenho de ESG, em relação às *benchmarks* dos pares e das melhores práticas do setor, e dá recomendações sobre ajustes aos valores das transações.

POR

MARIA MANUEL FARINHA

QFA

Conhecer a real contaminação de solos e águas subterrâneas

PELAS FUNÇÕES VITAIS E ECONÓMICAS QUE DESEMPENHAM, OS SOLOS E A ÁGUA PRECISAM DE UMA INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA QUE CONTRARIE A CRESCENTE DEGRADAÇÃO DA SUA QUALIDADE. FAZER UMA AVALIAÇÃO CORRETA DO GRAU DE CONTAMINAÇÃO É ESSENCIAL PARA A TOMADA DE DECISÃO E PARA UMA GESTÃO MAIS ADEQUADA DESTES DOIS RECURSOS.

POR

ANA GOUVEIA

O solo e a água são de extrema importância pelas funções vitais e económicas que desempenham. No entanto, têm vindo a sofrer crescentes pressões, devido às atividades antropogénicas potencialmente contaminantes, que provocaram, ao longo do tempo, uma crescente degradação da sua qualidade. É, pois, prioritário fazer a prevenção desta poluição quase invisível, de forma a minimizar danos irreversíveis na saúde, na biodiversidade, na produtividade agroalimentar e na qualidade de vida.

A ORIGEM DA CONTAMINAÇÃO

A contaminação dos solos — um recurso não renovável à escala humana — e das águas subterrâneas tem como origem principal as atividades domésticas, a agricultura, a pecuária e a indústria. Não obstante, o progresso em algumas áreas é ainda uma grande preocupação, pela contaminação direta — através de descargas ou derrames acidentais —, ou indireta. Neste caso, tem origem na utilização de fertilizantes azotados, pesticidas e produtos químicos, assim como na lixiviação de locais de contaminação industrial, locais de depósito de resíduos e de solos contaminados.

Os contaminantes, ao atingirem a superfície do solo, infiltram-se para aos aquíferos subterrâneos, passando estes a serem também uma fonte de armazenamento de poluentes. Desta forma, a contaminação do solo está associada à contaminação das águas naturais subterrâneas e, por sua vez, das águas superficiais.

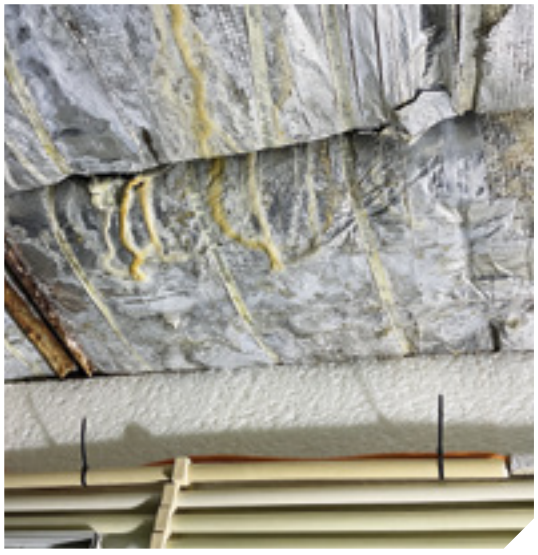
A água subterrânea é um recurso menos visível, mas bastante importante, uma vez que é utilizada como fonte de produção de água para consumo humano, bem como recurso primário na indústria e na agricultura. Tem, por isso, um papel fundamental nas atividades económicas, com impacto na saúde e na qualidade de vida.

OS DADOS ANALÍTICOS DOS LABORATÓRIOS DO ISQ GARANTEM UMA CORRETA AVALIAÇÃO DO GRAU DE CONTAMINAÇÃO DOS SOLOS E DAS ÁGUAS.

IMPORTÂNCIA DOS DADOS

Os laboratórios do Núcleo Autónomo do ISQ, na área da Química Ambiental, Farmacêutica e Agroalimentar QFA (LABQUI, LALA e Labiagro) contribuem com dados analíticos que permitem garantir uma correta avaliação do grau de contaminação dos solos e dos recursos hídricos. São analisados diversos contaminantes orgânicos, inorgânicos e microbiológicos, assim como poluentes emergentes identificados pela União Europeia e que poderão integrar a lista de vigilância obrigatória.

Os ensaios são realizados recorrendo a metodologias acreditadas, com os mais sofisticados meios tecnológicos, permitindo detetar os limiares mais restritivos definidos nos *Guias Técnicos da Agência Portuguesa do Ambiente* e na legislação em vigor nesta matéria. São, assim, um instrumento de trabalho essencial para as outras fases da tomada de decisão, no âmbito ambiental. Desta forma, promovem a sustentabilidade destes dois recursos através de uma gestão mais adequada.



O PROCESSO DE *TECHNICAL DUE DILIGENCE* AVALIA VÁRIAS COMPONENTES, ENTRE AS QUAIS A ESTRUTURA DE UM IMÓVEL E RESPETIVA ENVOLVENTE CONSTRUTIVA.

TECHNICAL DUE DILIGENCE

Garantir a extensão da vida útil de imóveis e infraestruturas

QUANDO ESTÃO EM CAUSA QUESTÕES DE SEGURANÇA, QUE ENVOLVEM A CONSERVAÇÃO E O FUNCIONAMENTO, QUER DE IMÓVEIS, QUER DE INFRAESTRUTURAS, A SOLUÇÃO ESTÁ NUMA INVESTIGAÇÃO E NUMA AUDITORIA QUE PODEM SER CONDUZIDAS ATRAVÉS DE UMA *TECHNICAL DUE DILIGENCE*: UM PASSO IMPORTANTE TAMBÉM PARA GARANTIR A FIABILIDADE EM CASO DE INVESTIMENTO.

POR

JOÃO SANTOS

JOAQUIM RODRIGUES

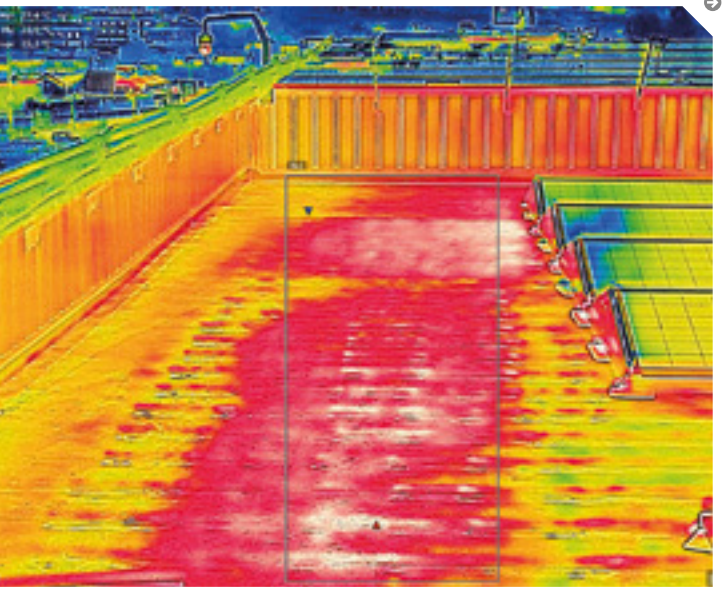
Conhecer o estado atual de um imóvel ou avaliar o risco de um investimento imobiliário são motivos para solicitar uma *Technical Due Diligence*. Trata-se, afinal, de um processo de investigação e auditoria de um imóvel ou infraestrutura, com o objetivo de aferir a sua condição, quer relativa ao estado de conservação, quer ao seu funcionamento. Este é um passo importante, quando se está a avaliar a necessidade de obras e quais são os custos envolvidos ou quando um potencial comprador está a pensar em investir num imóvel.

Um processo de *Technical Due Diligence* avalia várias componentes, é o caso das instalações elétricas, da ventilação e do ar condicionado (AVAC), mas também da estrutura de um imóvel e respetiva envolvente construtiva.

INSPEÇÃO E CONTROLO DE QUALIDADE

No caso da inspeção e do controlo de qualidade das instalações elétricas e AVAC, avalia-se visualmente e por ensaios a adequação das instalações ao projeto, à legislação e às normas vigentes. Além disso, é possível aferir o correto funcionamento do sistema, a existência de componentes danificados ou obsoletos e o seu estado de conservação, abrangendo, assim, a instalação desde a construção até ao fim de vida.

Este controlo é de extrema importância para garantir a segurança, o bom funcionamento do sistema e para prevenir possíveis acidentes. Tal é o caso, por exemplo, de choques ou arcos elétricos nos utentes, operadores e técnicos, da ocorrência de incêndios ou explosões, de danos nos equipamentos e componentes e da diminuição da vida útil dos equipamentos e instalações.



NO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE UM IMÓVEL PODEM ESTAR EM CAUSA ANOMALIAS ESTRUTURAIS OU ANOMALIAS CORRENTES, EXPECTÁVEIS PERANTE A IDADE E A UTILIZAÇÃO DA ESTRUTURA.

O CONTROLO É IMPORTANTE PARA GARANTIR A SEGURANÇA E PREVENIR POSSÍVEIS ACIDENTES.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL

No caso do levantamento do estado de conservação do imóvel, técnicos qualificados estão capacitados para fazer um levantamento das anomalias construtivas existentes. Nestes casos, podem estar em causa anomalias estruturais e, por conseguinte, muito relevantes, ou anomalias correntes, ou seja, expectáveis perante a idade e a utilização da estrutura.

Dependendo do objetivo do cliente, é ainda possível prescrever um conjunto de procedimentos a seguir para a reabilitação das anomalias encontradas, obtendo-se uma estimativa orçamental, pertinente para a tomada de decisão.

Quando se trata de imóveis ou infraestruturas de grande dimensão, pode também contemplar-se um plano de manutenção a médio/longo prazo. Este revela-se uma ferramenta essencial, pois permitirá estimar os custos de manutenção ao longo do tempo, assim como prescrever trabalhos e a sua periodicidade, que permitirão a extensão da vida útil do imóvel, garantindo assim uma maior sustentabilidade.

ASPETOS ANALISADOS NUMA *TECHNICAL DUE DILIGENCE*

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E AVAC

A inspeção técnica à instalação elétrica (alta e baixa tensão) e AVAC inclui as seguintes atividades:

- ANÁLISE DOS ELEMENTOS DOCUMENTAIS DISPONIBILIZADOS:
  - Projeto elétrico e AVAC;
  - Licenciamento da DGEG ou outras entidades;
  - Evidência dos relatórios de exploração e manutenção da instalação elétrica, instrumentação, controlo e AVAC.
- INSPEÇÃO VISUAL GERAL, COM PARTICULAR ATENÇÃO ÀS CARACTERÍSTICAS, AO CUMPRIMENTO DOS REQUISITOS REGULAMENTARES E À UTILIZAÇÃO DAS BOAS PRÁTICAS E REGRAS DA ARTE, INCLUINDO TAMBÉM AS CONDIÇÕES DE INSTALAÇÃO E O ESTADO DO EQUIPAMENTO E DAS INSTALAÇÕES ELÉTRICAS EXISTENTES, NOMEADAMENTE:
  - Postos de transformação;
  - Grupo gerador;
  - UPS;
  - Motores e bombas;
  - Baterias de condensadores;
  - Para-raios;
  - Quadros elétricos;
  - Canalizações e cabos elétricos;
  - Instalações de iluminação e tomadas;
  - Redes de terra.
- MONITORIZAÇÃO DE CONSUMOS ELÉTRICOS E QUALIDADE DA ENERGIA ELÉTRICA (EN 50160);
- ANÁLISE TERMOGRÁFICA;
- ENSAIOS ELÉTRICOS;
- ENSAIOS DE ESTANQUIDADE EM CONDUTAS;
- AVALIAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DE INSTALAÇÕES AVAC E DA INTERLIGAÇÃO DE TODOS OS SISTEMAS (SOLAR TÉRMICO, RECUPERADOR DE CALOR, CALDEIRA, RESISTÊNCIAS ELÉTRICAS);
- AVALIAÇÃO DE SISTEMAS DE VENTILAÇÃO:
  - Medição de caudais e velocidade do ar;
  - Cálculo da taxa de renovação do ar.
- TESTE DE CAPACIDADE A TORRES DE REFRIGERAÇÃO MODULARES.

ESTRUTURA E ENVOLVENTE CONSTRUTIVA

- LEVANTAMENTO DE ANOMALIAS EM TODA A ENVOLVENTE CONSTRUTIVA, VERIFICANDO A EVENTUAL EXISTÊNCIA DE SITUAÇÕES COM CARÁTER ESTRUTURAL QUE CAREÇAM DE UMA INVESTIGAÇÃO MAIS APROFUNDADA;
- LEVANTAMENTO DE ANOMALIAS FUNCIONAIS, QUE, NÃO SENDO REFERENTES A SITUAÇÕES ESTRUTURAIS, PODERÃO SER IGUALMENTE IMPORTANTES, JÁ QUE TÊM O POTENCIAL DE IMPEDIR A UTILIZAÇÃO DE DETERMINADO ESPAÇO PARA O FIM A QUE SE DESTINA.

INOVAÇÃO

Sustentabilidade assume papel de relevo nas atividades de I&DI

ENQUANTO MOTOR DE COMPETITIVIDADE E SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS, AS ATIVIDADES DE INVESTIGAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO TÊM UM IMPACTO DIRETO NO DESEMPENHO DE ESG. NO ISQ, A APOSTA CENTRA-SE EM SOLUÇÕES INTEGRADAS DESTINADAS A UMA MAIS EFICIENTE GESTÃO DE RECURSOS, ATIVOS E INFRAESTRUTURAS.

O ESG deve ser visto pelas organizações não como um destino, mas como um caminho de melhoria contínua, num quadro de constante evolução regulatória, tecnológica, social e de mercado. A investigação, o desenvolvimento e a inovação, enquanto motores de competitividade e sustentabilidade das empresas, impactam diretamente a evolução do seu desempenho de ESG.

No ISQ, desde os anos 70 que a atividade de I&D tem sido marcada por projetos nacionais e internacionais de referência. Estes permitiram gerar novos conhecimentos e novas tecnologias, novos produtos e serviços, em prol da sustentabilidade e da competitividade, traduzindo-se na criação de valor para o ISQ, seus clientes, parceiros e demais *stakeholders*.

No âmbito das atividades de I&D, a sustentabilidade tem ocupado um papel de relevo, focando-se em soluções de prevenção e controlo integrados da poluição, na observação do ambiente, na otimização da eficiência do uso de recursos materiais e energéticos na indústria e edifícios e nas estratégias de economia circular, com destaque para a simbiose industrial.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Uma aposta recente é a aplicação do conceito SSbD (*Safe & Sustainable by Design*), uma abordagem metodológica que visa apoiar a tomada de decisão no *design*, no desenvolvimento e no uso de novos produtos, materiais ou substâncias. Desta forma, mantendo as funcionalidades, pretende-se reduzir os potenciais impactos negativos na saúde humana e no meio ambiente, numa ótica de ciclo de vida.

A aplicação de tecnologias digitais emergentes, como a inteligência artificial, *machine learning*, realidade virtual e aumentada, bem como a utilização de dados de observação da Terra, tem contribuído para o desenvolvimento, no ISQ, de soluções integradas destinadas a uma mais eficiente gestão de recursos, ativos e infraestruturas. Destacam-se a criação de sistemas de otimização de processos para distribuição de água, de sistemas de realidade virtual e aumentada para apoio a processos complexos, a avaliação da maturidade das empresas para a indústria 4.0, *data analytics* para a indústria ou sistemas de visualização e inteligência artificial para colheitas agrícolas.

POR

CATARINA QUEIROGA

CRISTINA ASCENÇO

RESPONSIBLE RESEARCH AND INNOVATION

Dada a aposta do ISQ no desafio de ESG, a própria atividade de I&DI incorpora, nas suas práticas e no modelo de gestão, os conceitos da RRI (*Responsible Research and Innovation*).

Trata-se de um processo dinâmico e interativo assente em vários pilares, em que todos os *stakeholders* envolvidos em práticas de I&DI (academia, indústria, autoridades, sociedade civil) se tornam corresponsáveis, tanto dos processos, como dos resultados da investigação. Esses pilares são:

- » ética
- » igualdade de género
- » *governance*
- » ciência aberta
- » envolvimento da sociedade
- » educação para a ciência

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS EMERGENTES TÊM LEVADO O ISQ A DESENVOLVER SOLUÇÕES INTEGRADAS PARA A GESTÃO MAIS EFICIENTE DE RECURSOS E ATIVOS.

Enquanto Centro de *Interface* Tecnológico reconhecido, as iniciativas do ISQ não se têm focado apenas em projetos de investigação e desenvolvimento tecnológico, mas também na participação em diversos projetos de qualificação e de transferência de conhecimento técnico e científico para o tecido empresarial, impactando positivamente todas as dimensões do seu *score* de ESG.

SOLUÇÕES DE CAPACITAÇÃO

Todos os progressos científicos e novos desenvolvimentos tecnológicos trazem necessariamente novas necessidades ao nível da capacitação dos Recursos Humanos. Neste sentido, o ISQ desenvolve atividades de I&DI na área de formação e qualificações técnicas, em estreita articulação com as restantes unidades de investigação tecnológica, com forte orientação para os princípios de sustentabilidade e *governance*.

A par de uma inovação mais disruptiva, são desenvolvidas ações de sensibilização, de larga escala, com vista à mudança de mentalidades, facilitadoras da incorporação e da transferência futura para o mercado. Neste âmbito, o ISQ participa numa iniciativa multidisciplinar, transdisciplinar e participativa, que pretende desenvolver, testar e validar um Quadro Europeu de Competências para mudanças transformacionais. Desta forma, capacitam-se as comunidades educacionais, incluindo a sociedade envolvente, a agir contra as alterações climáticas e em direção ao desenvolvimento sustentável.

Paralelamente, são desenvolvidas de raiz novas qualificações técnicas nos domínios tecnológicos emergentes, acompanhadas de novas metodologias, abordagens e ferramentas pedagógicas inovadoras, bem como de estratégias setoriais, a nível europeu, para formação e qualificação técnica de pessoas. Destaca-se, nesta vertente, o envolvimento em duas parcerias *Blueprint* da Comissão Europeia, dedicadas ao desenho das estratégias europeias para o desenvolvimento das competências de profissionais nos domínios do fabrico aditivo e da simbiose industrial, nas indústrias de processo; tendo já criado um grande número de qualificações técnicas que incorporam os módulos de competências do *GreenComp* — quadro europeu de competências transversais para a sustentabilidade.

FRAMEWORKS & STANDARDS

Oportunidades e desafios na avaliação de ESG das empresas

A ENORME DIVERSIDADE E A QUANTIDADE DE MÉTRICAS E *RATINGS* QUE PODEM SER USADOS NAS AVALIAÇÕES DE ÂMBITO AMBIENTAL, SOCIAL E DE GOVERNANÇA FAZEM DESTE UM PROCESSO COMPLEXO. DAÍ A IMPORTÂNCIA DO APOIO QUE PODE SER DADO POR ENTIDADES COMO O ISQ.

As empresas estão numa corrida para cumprir profilaticamente as recomendações que vão sendo emitidas por entidades de referência em matéria de responsabilidades sociais, ambientais e de governança.

De facto, tornou-se evidente que o comportamento ambiental das empresas (tal como o impacto que têm na sociedade, interna, local e global, e o modo como são geridas) viria a tornar-se preponderante no que toca à perceção pública e, inevitavelmente, dos mercados financeiros.

Nesta senda, surgiram as avaliações de âmbito ambiental, social e de governança (uma designação que assumiu a sigla ESG, na expressão em inglês). Comparativamente com a anterior nomenclatura — Responsabilidade Social Corporativa (em inglês, CSR) —, os ESG, fundamentalmente, são mensuráveis e de determinação mais ágil, facilitando o seu propósito. Este está assente em dois pilares fundamentais. Por um lado, é necessário identificar e quantificar os impactos da atividade da organização em matéria de ESG, tendo em vista melhorar as condições (desenvolvimento sustentável) e progredir perante as exigências legais cada vez mais restritas. Por outro, o acesso aos mercados de capitais está cada vez mais constrangido, penalizando-se as atividades com impactos mais adversos sobre os domínios de ESG.

Com efeito, em 2020, os investimentos baseados na avaliação de ESG das empresas já ascendiam aos 30 mil milhões de dólares. Acrescente-se que estes, além de financiarem a continuidade e a evolução das empresas, ainda exercem uma pressão dinamizadora de processos mais sustentáveis e éticos.

FRAMEWORKS

GRI

GLOBAL REPORTING INITIATIVE

SASB

SUSTAINABILITY ACCOUNTING STANDARDS BOARD

TCFD

TASKFORCE ON CLIMATE-RELATED FINANCIAL DISCLOSURES

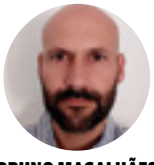
DIVERSIDADE DE MÉTRICAS E *RATINGS*

Contudo, esta avaliação está longe de ser simples. Prende-se esta dificuldade com a enorme diversidade e quantidade de métricas e *ratings* que podem ser usados. Atualmente, o reporte de ESG pode fazer-se recorrendo aos *frameworks* de entidades tão distintas como a Global Reporting Initiative (GRI), a Sustainability Accounting Standards Board (SASB) ou a Taskforce on Climate-Related Financial Disclosures (TCFD).

Dados os primeiros passos, será necessário uniformizar e consensualizar alguns dos *frameworks* existentes. A seguir, criar mecanismos regulatórios e aumentar a transparência para enfrentar cenários de *greenwashing*. A própria consolidação dos *frameworks* existentes poderá ser uma mais-valia, optando-se por uma abordagem holística.

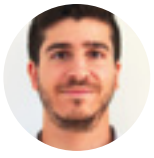
Por fim, um dos papéis fundamentais do ISQ será consciencializar e apoiar as empresas neste processo. Cada ação de ESG, indubitavelmente, garante a própria continuidade da organização, reduzindo riscos e capturando novas oportunidades. Destacamos também a baixa adesão das PME, cujo esforço de sensibilização terá de ser redobrado. ■

POR



BRUNO MAGALHÃES

PEDRO CASTRO



RUI DIAS

ATUALMENTE, O REPORTE DE ESG PODE FAZER-SE RECORRENDO A UMA ENORME DIVERSIDADE E QUANTIDADE DE MÉTRICAS E *RATINGS*.

FABRICO ADITIVO

PRODUÇÃO MAIS FLEXÍVEL E COMPETITIVA

SERVIÇOS ISQ:

- PROCESSAMENTO 3D (PBF-LB, DED-ARC, DED-LB);
- DESIGN (DFAM) E SIMULAÇÃO TERMOMECÂNICA
- DESENVOLVIMENTO E ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS
- QUALIFICAÇÃO DE PÓS
- DENSIDADE DE COMPONENTES
- DIGITALIZAÇÃO 3D E ENGENHARIA INVERSA
- PÓS-PROCESSAMENTO
- CARACTERIZAÇÃO MECÂNICA
- ENSAIOS NÃO-DESTRUTIVOS
- ANÁLISE MICROESTRUTURAL E COMPOSIÇÃO QUÍMICA
- ENSAIOS DE CORROSÃO

www.isqgroup.com

info@isq.pt

AS RAZÕES PARA UMA BOA *CORPORATE GOVERNANCE* INCLUEM A CONFIANÇA, A TRANSPARÊNCIA E A RESPONSABILIDADE, PARA FOMENTAR O INVESTIMENTO E A ESTABILIDADE FINANCEIRA.

Duarte Pitta Ferraz, PhD

PROFESSOR DE *GOVERNANCE & BANKING* – NOVA SBE *EXECUTIVE EDUCATION*
CO-MANAGING PARTNER DA IVENS GOVERNANCE ADVISORS E ADMINISTRADOR NÃO EXECUTIVO

NOVA SBE

A tomada de decisão, as funções de controlo e o ESG na *corporate governance*

O "G" É A PEDRA ANGULAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO "E" E DO "S" DA SIGLA ESG (*ENVIRONMENT*, *SOCIAL* E *GOVERNANCE*), SENDO QUE AS RAZÕES PARA UMA BOA *CORPORATE GOVERNANCE* INCLUEM A CONFIANÇA, A TRANSPARÊNCIA E A RESPONSABILIDADE.

As principais razões para uma boa *governance* prendem-se com o estabelecimento de uma reputação que permita atrair capital de acionistas, obrigacionistas e do sistema financeiro, bem como atrair, motivar e reter talento. Uma *governance* robusta transmite ao talento e aos financiadores um grau de confiança elevado. Adicionalmente, o "G" é a pedra angular para o desenvolvimento do "E" e do "S" da sigla ESG (*Environment*, *Social* e *Governance*).

São recentes os desenvolvimentos, a atenção e a relevância que a *corporate governance* adquiriu, criando consciência para as boas práticas. A OCDE advoga que o quadro de *governance* deve reconhecer os interesses dos *stakeholders* e a sua contribuição para o sucesso a longo prazo da sociedade. Os órgãos sociais institucionalizam a *corporate governance*, tendo por objetivo, nomeadamente, relacionar os mesmos. O processo de decisão e a conduta devem manter o equilíbrio entre estes órgãos e os *stakeholders*.

A pirâmide do poder numa organização estrutura e racionaliza a sua distribuição relativamente ao processo de tomada de decisão e delegação, bem como as funções e responsabilidades dos seus membros. As razões para uma boa *corporate governance* incluem a confiança, a transparência e a responsabilidade, para fomentar o investimento e a estabilidade financeira, apoiando o crescimento e o desenvolvimento de sociedades mais inclusivas.

Há três desafios de agência genéricos: o primeiro é o conflito entre os acionistas (principal) e seus administradores (agente), apresentan-

do como dificuldade assegurar que os administradores tomam decisões agindo segundo o interesse da instituição e dos acionistas, em vez de perseguir os seus próprios interesses. O segundo emerge do conflito potencial entre os acionistas maioritários e os minoritários, sendo o desafio garantir que os minoritários não são expropriados pelos maioritários. O terceiro é o conflito potencial entre os acionistas, os *stakeholders* com quem têm contratos e sociedade, um tema ligado ao ESG.

Embora os agentes sejam os principais tomadores de decisões, assumem menor risco financeiro do que o principal (acionistas), podendo essa distribuição desigual do risco financeiro levar a um nível diferente de tolerância ao risco. Esta situação pode gerar precariedade quando o agente e o principal têm objetivos divergentes. Há três níveis em que o conflito da agência se manifesta: o da assimetria de informação controlada pelo agente; o da execução, cujo poder reside no agente; e o risco que reside no principal.

OS PRINCIPAIS MODELOS

As regiões do mundo são influenciadas por valores sociais próprios, económicos, políticos e culturais, bem como pelas empresas públicas, privadas ou outras instituições, como as associações, resultando em modelos de *governance* diferentes. Os dois principais modelos são o germânico ou dualista (*Stakeholders-Centric*) e o anglo-saxónico ou monista (*Shareholder-Centric*). O primeiro tem uma estrutura com dois níveis: conselho geral e de supervisão (CGS), englobando os não executivos, e o conselho de administração executivo (CAE), que agrupa os executivos, enquanto o segundo modelo tem um conselho de administração.

Estes modelos sofrem ajustamentos, dependendo das jurisdições e do tipo de instituições (empresas ou associações). A estrutura dualista é mais frequente em concentrações acionistas, como o setor empresarial do Estado, empresas familiares, associações, enquanto o monista em empresas de capital disperso, sendo também utilizado em pequenas e médias empresas, por ser mais leve em termos de estrutura organizativa. Contudo, sublinha-se que em pequenas e médias empresas, instituições como associações, empresas familiares ou *start-ups*, as boas práticas de *governance* devem ser seguidas, nomeadamente a integração de administradores não executivos independentes.

> "UMA *GOVERNANCE* ROBUSTA TRANSMITE AO TALENTO E AOS FINANCIADORES UM GRAU DE CONFIANÇA ELEVADO."

Os conselhos de administração têm como responsabilidade o controlo eficaz destes potenciais conflitos, razão pela qual devem ser constituídos por estruturas e processos alinhados com as melhores práticas de *governance*, estabelecendo um sistema de supervisão e fiscalização que mitigue aqueles custos da agência. É relevante o alinhamento com as melhores práticas, nomeadamente a inclusão de administradores executivos e não executivos independentes que adotem os deveres legais de cuidado e lealdade e a sua responsabilidade fiduciária.

A grande diferença entre PCA e PCE reside na responsabilidade da(o) primeira(o) "liderar o *board*" e do(a) segundo "comandar a organização", sendo que o primeiro tem uma função de liderança e de equilíbrio entre os interesses legítimos dos vários *stakeholders* e o segundo a função de execução. Um outro aspeto prende-se com as funções e responsabilidades dos administradores executivos e não executivos. Podem estruturar-se da seguinte forma:

- os administradores não executivos têm responsabilidade por *governance*, direção estratégica, supervisão e controlo;
- os administradores executivos têm responsabilidade pelo desenvolvimento do plano estratégico, pela sua execução e pela supervisão da primeira linha da direção.

3 LINHAS DE DEFESA

As "3 linhas de defesa" do Institute of Internal Auditors são uma ferramenta que permite monitorizar o Quadro de Controlo Interno, nomeadamente utilizando as funções de controlo para assegurar as boas práticas de *governance* no processo de tomada de decisão. Estas funções de controlo incluem a gestão de risco, *compliance* e a auditoria interna, tendo um estatuto de independência. Além disso, permitem, nomeadamente, aos administradores não executivos — que têm assimetria de informação relativamente aos executivos — o desempenho da sua função de supervisão. Uma inovação recente relaciona-se com o *empowerment* do papel do conselho de administração, repartido em funções de supervisão (administradores não executivos) e de gestão (administradores executivos), que alterou o paradigma das relações dos administradores executivos e não executivos.

Esta estrutura permite a mitigação dos riscos de assimetria de informação, alavancado as melhores práticas e mantendo uma reputação que permita a atração de capital e do talento, bem como assegurar uma base de *governance* ("G") robusta para o desenvolvimento do "E" e do "S". ●

TRÊS DESAFIOS:

1

» O CONFLITO ENTRE OS ACIONISTAS (PRINCIPAL) E OS SEUS ADMINISTRADORES

2

» O CONFLITO ENTRE OS ACIONISTAS MAIORITÁRIOS E OS ACIONISTAS MINORITÁRIOS

3

» O CONFLITO POTENCIAL ENTRE OS ACIONISTAS E OS *STAKEHOLDERS* COM QUEM TÊM CONTRATOS E SOCIEDADE – TEMA LIGADO AO ESG.

» **A importância da saúde ocupacional, da segurança e do controlo ambiental**

Não há produção sem produtores e bem o ilustram as palavras e o testemunho do Arquiteto Sena da Silva, em 1989.

"Não podemos confiar na qualidade de um produto, se as pessoas que o fazem estão descontentes ou indiferentes. Na nossa indústria, ainda existem tarefas desagradáveis, mas continuamos empenhados em melhorar os aspetos ergonómicos e o enquadramento ambiental de todos os postos de trabalho, conscientes de que os nossos padrões de gestão não são compatíveis com a atitude de exigir que os Homens se comportem como máquinas ou de acreditar que os *robots* e computadores permitem dispensar a contribuição de trabalhadores inteligentes e qualificados.

Pensamos que a saúde ocupacional, a segurança e o controlo ambiental são fatores de qualidade indissociáveis da investigação e do desenvolvimento do equipamento industrial, dos métodos e da formação cívica e profissional de todos os trabalhadores."

→ **António Martins Sena da Silva** (1926-2001), arquiteto, artista plástico, fotógrafo, *designer*, cronista, pedagogo, empresário.

SAÚDE OCUPACIONAL

A cuidar da saúde das pessoas há mais de 30 anos

NÃO BASTA QUE AS EMPRESAS CUMPRAM OS PRECEITOS LEGAIS, É PRECISO GARANTIR BEM-ESTAR E QUALIDADE DE VIDA, NO TRABALHO E FORA DELE. COMO TAL, A PREVENÇÃO DAS DOENÇAS E DOS ACIDENTES DE TRABALHO, BEM COMO A PROMOÇÃO DA SAÚDE, DEVEM SER ENTENDIDAS, NÃO COMO UM ENCARGO, MAS SIM COMO UM INVESTIMENTO.

A SO (Intervenção em Saúde Ocupacional, s.a.), quando se constituiu, em 1989, já acreditava que "a prevenção dos efeitos adversos do trabalho sobre o organismo humano e a promoção de melhores condições de trabalho (mais adequadas às características individuais dos trabalhadores) são princípios, hoje em dia, inquestionavelmente reconhecidos como fatores de progresso e desenvolvimento".

A SO assumiu-se, desde o início, como um projeto objetivo e coerente, claramente centrado na assunção da importância estratégica que as áreas da Saúde e Segurança Ocupacionais representam para a garantia da qualidade e da sustentabilidade das empresas. Nestes contextos, e além de múltiplas intervenções pontuais de diversa natureza, a SO responde, atualmente, pelas atividades de Vigilância Médica e de Controlo das Condições de Trabalho em mais de 100 empresas de diferentes setores.

Ao longo destes 33 anos a cuidar da saúde de quem trabalha, a SO nunca descurou o primado da qualidade das suas intervenções. As intervenções dos técnicos da SO perspetivam-se, em qualquer circunstância, de acordo com três vertentes fundamentais: fundamento científico, rigor técnico e utilidade concreta para os seus beneficiários (empresas e trabalhadores). É neste enquadramento, de modo claro, que são desenhadas e concretizadas as intervenções em cada empresa-cliente e, por isso mesmo, à sua exata medida.

COMPROMISSO COM OS PRINCÍPIOS DE ESG

Neste contexto, a SO considera-se uma empresa claramente comprometida com o contexto social "S" do ESG. Não basta que as empresas cumpram os preceitos legais, é preciso garantir bem-estar e qualidade de vida, no trabalho e fora dele, a todos os níveis. Por outro lado, a prevenção das doenças e dos acidentes de trabalho, bem como a promoção da saúde, deverão ser entendidas, não como um encargo, mas sim como um investimento.

Vários estudos têm vindo a demonstrar que as empresas mais bem-sucedidas e com as melhores posições nos *rankings* do mercado financeiro têm também as melhores práticas em matéria de saúde ocupacional, bem como bons índices de sustentabilidade e de retenção dos seus trabalhadores. ■

POR

MADALENA SALAVESSA

UPSKILLING E *RESKILLING*

"Verdes" e estratégicos como eixo fundamental no ESG

CADA VEZ MAIS EMPRESAS ESTÃO A DESENVOLVER TALENTO DIGITAL E VERDE E A APOSTAR EM PROGRAMAS DE FORMAÇÃO LIGADOS A TEMÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE. A REVOLUÇÃO NECESSÁRIA PARA ESSA ADAPTAÇÃO TEM POR BASE OS CONCEITOS DE *UPSKILLING* E *RESKILLING*.

A pandemia introduziu mudanças laborais e acelerou a digitalização da sociedade, agora a guerra tem demonstrado a necessidade de se acelerar a transformação verde. Estima-se que a tecnologia digital, a automação e a robotização venham, por um lado, a extinguir vários postos de trabalho, e por outro, a criar novas necessidades relacionadas com a transformação da economia, principalmente nas áreas digital e verde.

Os conceitos de *upskilling* e *reskilling* trazem, assim, a revolução necessária para essa adaptação. Através do *upskilling* promovem-se processos de melhoria, que estimulam os colaboradores a serem mais competitivos e produtivos, atualizando e reforçando o conhecimento na sua área de trabalho. Neste caso, são adquiridas ou reforçadas competências que impulsionam a produtividade, por exemplo, com ferramentas digitais e colaborativas.

No *reskilling*, promove-se a reciclagem formativa e novas competências são aprendidas, permitindo ao colaborador desempenhar novas funções. A requalificação permite, por exemplo, tornar os funcionários disponíveis para outros cargos dentro da organização, o que apresenta benefícios como economia nos custos de demissão, contratação e adaptação do trabalhador, preservando a experiência adquirida.

Cada vez mais empresas estão a desenvolver talento digital e verde e a apostar em programas de formação ligados a temáticas de sustentabilidade, por exemplo, mas também com o objetivo de investir socialmente nos seus recursos humanos ativos, potenciado a aquisição de outras aptidões e capacitando-os para as novas tendências do mercado.

POR

MARGARIDA SEGARD

RICARDO FAUSTINO

SOLUÇÕES DO ISQ ACADEMY

O ISQ Academy tem desenvolvido, nos últimos anos, diversos planos de formação absolutamente direcionados para a democratização e aquisição de competências "verdes" e digitais que permitam às empresas desenvolver competências críticas no âmbito da sua estratégia de inovação, crescimento, criação de novos serviços, produtos responsáveis e sustentáveis, cumprindo metas ambientais europeias.

Diversos projetos de *upskilling* e *reskilling* verdes e sustentáveis têm-se realizado à medida das empresas e desenvolvido com o apoio da equipa do ISQ, com bons resultados, aceleradores de novas metas de ESG corporativas.

O processo de requalificação de colaboradores da refinaria de Matosinhos, da GALP Energia, tem sido um bom exemplo de um desafio de *reskilling* dos colaboradores, em energias verdes e de futuro (energia solar), promovendo a sua manutenção e/ou reingresso no mercado de trabalho.

Este tipo de processo formativo ganha particular relevância na área da responsabilidade social e ambiental, integrado num modelo de *governance*, como fator-chave para a satisfação e requalificação profissional, permitindo aos trabalhadores manterem a sua empregabilidade e às empresas manterem ou aumentarem a sua produtividade.

É nosso objetivo, através de projetos como este, contribuir para cenários reestruturantes que criem e otimizem competências nas novas áreas de desafio da economia laboral.

ISQ Academy

FORMAÇÃO PARA AS COMPETÊNCIAS "VERDES"

O ISQ ACADEMY TEM DESENVOLVIDO CICLOS DE FORMAÇÃO COM PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO PROGRESSIVO DE COMPETÊNCIAS EM DIVERSOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE. DIRECIONADOS PARA PÚBLICOS DIFERENCIADOS, ABORDAM, ENTRE OUTRAS, AS SEGUINTES ÁREAS DE SUSTENTABILIDADE:

- Eficiência energética
- Economia circular
- Energias renováveis (solar, fotovoltaica/térmica, eólica)
- "Eletrificação verde"
- Hidrogénio
- Simbiose industrial
- Gestão energética
- Baterias
- Carregadores elétricos
- Construção sustentável
- Cidades *smart* sustentáveis
- Auditorias ISO 50.001

O ISQ ACADEMY DESENVOLVE DIVERSOS PROJETOS DE *UPSKILLING* E *RESKILLING* À MEDIDA DAS EMPRESAS.

"MENTE SÃ EM CORPO SÃO": NÃO EXISTIRÁ SAÚDE, OU MESMO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, SEM SAÚDE MENTAL E AS ORGANIZAÇÕES DEVEM TER POLÍTICAS CLARAS DE BEM-ESTAR.

ISQ ACADEMY

Well-being organizacional: um "novo" tópico na agenda da gestão

ESTÃO EM PRÁTICA MUITOS PROGRAMAS ASSOCIADOS AO BEM-ESTAR, SENDO ESTE UMA COMPONENTE NUCLEAR PARA A ATRAÇÃO E A RETENÇÃO DE TALENTOS NAS EMPRESAS. ASSIM, AS ORGANIZAÇÕES DEVEM ESTAR BEM PREPARADAS PARA OFERECER SUPORTE AOS COLABORADORES, DEFININDO POLÍTICAS CLARAS E AJUSTADAS, APOIADAS EM FERRAMENTAS E PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS.

Alguns conceitos têm sido colocados como essenciais no atual quadro da gestão organizacional, em muito potenciados pelo impacto da recente pandemia. E, certamente, nenhum deles fez correr tanta tinta, em tão reduzido período de tempo, como o conceito de "bem-estar". Se, de alguma forma, já existiam preocupações a este nível, hoje teoriza-se, mas também se colocam em prática muitos programas associados a este tópico.

Não será estranho que os estudos mais recentes indiquem que a componente de benefícios é nuclear para a atração e a retenção de talentos. Destes benefícios revelam-se essenciais os que possam acautelar questões de ordem sanitária, mas também uma transparência sobre o que cada organização oferece no âmbito do bem-estar.

Há uma nova realidade de entendimento sobre este *well-being* organizacional. Esta realidade assenta, e é avaliada pelos colaboradores, em determinados pilares: o propósito da organização, as condições de sustentabilidade financeira, organizacional e pessoal, as preocupações com a sua saúde física, mas, muito particularmente, o que proporcionam relativamente ao bem-estar mental e, finalmente, ao espaço disponível para a conectividade social.

HÁ ORGANIZAÇÕES MAIS PRODUTIVAS E FELIZES, SE TODOS SE RECONHECEREM NO PROPÓSITO ORGANIZACIONAL.

Os pilares do *well-being*

- O PROPÓSITO DA ORGANIZAÇÃO
- AS CONDIÇÕES DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA, ORGANIZACIONAL E PESSOAL
- AS PREOCUPAÇÕES COM A SAÚDE FÍSICA
- O ESPAÇO DISPONÍVEL PARA A CONECTIVIDADE SOCIAL

Todas estas vertentes têm sido relevantes para uma reflexão muito objetiva e clara sobre novos modelos de organização do trabalho. Tudo se encontra em aberto: desde o entendimento de questões sobre a flexibilidade laboral, incluindo a adaptação de sistemas produtivos, ao impacto na produtividade, mas também revisões sucessivas no plano legislativo e, até, regulatório. No fundo, existe uma análise sobre como conciliar produtividade e bem-estar.

Teremos organizações mais produtivas e felizes, se todos os envolvidos conhecerem, e se reconhecerem, no propósito organizacional. Se lhes forem dadas condições de se identificarem com os valores organizacionais e uma compensação justa pelo seu contributo nos resultados. Mas muito passa, igualmente, por poderem ter tempo para a família e para o seu papel na sociedade, seja na sua rede de amigos, seja na disponibilidade para intervenção comunitária. E há algo que não se pode escamotear: "mente sã em corpo são".

O princípio é simples: não existirá saúde, ou mesmo desenvolvimento sustentável, sem saúde mental. A depressão e os distúrbios de ansiedade representam um custo na economia global de cerca de um trilião de dólares por ano. As organizações devem estar bem preparadas para oferecer suporte aos colaboradores, definindo políticas claras e ajustadas, apoiadas em ferramentas e profissionais especializados relativamente ao bem-estar!

POR

ANTÓNIO SARAIVA

QUÍMICA E AMBIENTE

O NOSSO LABORATÓRIO DE QUÍMICA E AMBIENTE ESTÁ ACREDITADO PARA A REALIZAÇÃO DE ENSAIOS EM SOLOS E RESÍDUOS

- ANÁLISES QUÍMICAS PARA CLASSIFICAÇÃO DE SOLOS COMO SUBPRODUTO, SEGUNDO O GUIA TÉCNICO DA APA (AGÊNCIA PORTUGUESA DO AMBIENTE)
- ANÁLISE AOS RESÍDUOS PARA AVALIAÇÃO DA SUA PERIGOSIDADE, CUMPRIMENTO DO ESTABELECIDO NO NOVO REGIME GERAL DE GESTÃO DE RESÍDUOS ATRAVÉS DO DL 102-D/2022 DE 10 DEZEMBRO

info@isq.pt

www.isqgroup.com

RUI DIAS SONHA EM FAZER UMA VIAGEM AO SUDESTE ASIÁTICO OU À AMÉRICA DO SUL, MAS NÃO ESQUECE TAMBÉM O PROJETO DE MONTAR O SEU PRÓPRIO ESTÚDIO DE MÚSICA. MANTÉM AINDA A "UTOPIA" DE PODERMOS ATINGIR O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE UMA FORMA REAL, OBJETIVA, SINCERA E HOLÍSTICA.

Rui Dias

SUSTAINABILITY RESEARCHER & CONSULTANT

A CURIOSIDADE, O GOSTO POR APRENDER E A FACETA AUTODIDATA SÃO AS CARACTERÍSTICAS QUE RUI DIAS MAIS DESTACA EM SI E QUE O LEVARAM A QUERER SEGUIR A CARREIRA DE INVESTIGAÇÃO. NA PROFISSÃO E NA VIDA, PROCURA TER UMA ATITUDE POSITIVA, SER EMPÁTICO E TER IMPACTO NO MUNDO EM QUE VIVEMOS.

POR *Carla Guedes*

Como escolheu a sua profissão?
Sou uma pessoa naturalmente curiosa, gosto de entender como funcionam as coisas, mas também de arranjar soluções para os problemas. Depois, estou bastante conectado à natureza, e sempre vi na sustentabilidade uma área de futuro. A investigação dá-me a liberdade para ser criativo e, ao mesmo tempo, trabalhar em temas emergentes e estar na vanguarda do conhecimento e da aplicação prática.

No âmbito das suas competências profissionais, o que destacaria como aquilo de que mais gosta de fazer?
A variedade de setores com e para os quais trabalhamos motiva-me a ter um entendimento de vários processos e soluções, que é algo que me satisfaz muito. O que mais gosto passa por trabalhar dados e criar novos modelos e ferramentas que permitam melhorar os processos de decisão ao nível da otimização de processos e da sustentabilidade das empresas.

Quais são as suas maiores qualidades?
Gosto muito de aprender e, neste aspeto, sou bastante proativo e autodidata. Esforço-me sempre para dar uma resposta assertiva e com qualidade. Depois, consigo ter uma atitude positiva e pensamento crítico, que acho fundamental na investigação.

"A INVESTIGAÇÃO DÁ-ME A LIBERDADE PARA SER CRIATIVO E, AO MESMO TEMPO, TRABALHAR EM TEMAS EMERGENTES E ESTAR NA VANGUARDA DO CONHECIMENTO E DA APLICAÇÃO PRÁTICA."

Qual é o seu projeto de vida?
De uma forma geral, o meu projeto de vida é melhorar-me a cada dia, e ser mais consciente, de mim próprio, dos outros, do que nos rodeia, e do impacto que nós temos no mundo.

Se pudesse ter uma conversa com qualquer pessoa, quem escolheria?
Md. John Sarno, pela sua teoria revolucionária nas áreas da Fisiatria e da Psicologia. Thich Nhat Hanh pela magnífica presença espiritual que infunde e porque consegue sempre transmitir-me a importância de estarmos no presente.

Para si, o que é o sucesso?
Para mim, o sucesso é um caminho que percorremos em busca de sermos felizes e, ao mesmo tempo, estarmos de consciência tranquila com o esforço que impomos e, obviamente, contentes com os resultados. Acho perigoso ver o sucesso como o final da linha e também impor valores materialistas ao sucesso. A meu ver, temos sempre de procurar ser mais criativos, mais íntimos e abertos, mais empáticos, mais eficientes e, acima de tudo, estar em plenitude com esse caminho.

E o seu maior sonho?
A nível de lazer, sonho em fazer uma viagem ao sudeste asiático ou à América do Sul e montar o meu próprio estúdio de música. A minha utopia é, sem dúvida, podermos atingir o tão aclamado desenvolvimento sustentável de uma forma real, objetiva, sincera e holística.

Em matéria de ESG, que mensagem gostaria de deixar?
Creio que estamos a viver uma época de verdadeira mudança de paradigma e de despertar da consciência, com a maturação de várias regulamentações e o suporte dos investidores e dos consumidores. No entanto, será fundamental não dar nenhum passo em falso. O sistema está em constante agitação. Aquilo que é válido hoje (*standards*, *frameworks*, *targets*) pode não o ser amanhã. A mensagem que quero transmitir é que gostaria de ver os ESG completamente integrados na estratégia das empresas, os consumidores mais conscientes e altruístas, e de não esquecermos o motivo principal: que as organizações assegurem a continuidade das suas operações e que criem realmente impactos positivos e significantes no planeta, gerando capital social e natural.

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E BAIXO CARBONO

APOSTAMOS EM SERVIÇOS DE AUDITORIA, DIAGNÓSTICO, CONSULTORIA, ASSESSORIA, CERTIFICAÇÕES, ESTUDOS DE VIABILIDADE, TERMOGRAFIA, MEDIÇÃO E VERIFICAÇÃO DE POUPANÇAS NAS ÁREAS DA INDÚSTRIA, EDIFÍCIOS E TRANSPORTES

www.isqgroup.com

O MUNDO JÁ ESTÁ A ASSISTIR ÀS CONSEQUÊNCIAS DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS. PARA EVITAR RESULTADOS CATASTRÓFICOS, É PRECISO APOSTAR NA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E NA DESCARBONIZAÇÃO DA ECONOMIA

info@isq.pt

Superbrands

PORTUGAL

MARCAS DE EXCELÊNCIA EM PORTUGAL 2022